

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

LAIZ MARIA SILVA CHOHI

**Por entre fios e buracos: uma experiência para construção de uma rede de atenção a
saúde no IPUSP**

São Paulo

2013

LAIZ MARIA SILVA CHOIFI

POR ENTRE FIOS E BURACOS: UMA EXPERIÊNCIA PARA CONSTRUÇÃO DE
UMA REDE DE ATENÇÃO A SAÚDE NO IPUSP

Dissertação apresentada ao Instituto
de Psicologia da Universidade de
São Paulo para obtenção do título
de Mestre em Psicologia

Área de Concentração:
Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano

Orientadora: Profa. Dra.
Henriette T. P. Morato

São Paulo

2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Chohfi, Laiz Maria Silva.

Por entre fios e buracos: uma experiência para construção de uma rede de atenção a saúde no IPUSP / Laiz Maria Silva Chohfi; orientadora Henriette Tognetti Penha Morato. -- São Paulo, 2013.

92 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Rede de atenção em saúde 2. Fenomenologia existencial 3. Prática psicológica em instituições I. Título.

RC480.5

CHOHFI, L.M.S. . **POR ENTRE FIOS E BURACOS: UMA EXPERIÊNCIA PARA
CONSTRUÇÃO DE UMA REDE DE ATENÇÃO A SAÚDE NO IPUSP**

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr:

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr:

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr:

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Dedico este trabalho à Dona Rita (*in memorian*) e à Tia Varina (*in memorian*), minhas segundas mães. Palavra nenhuma consegue descrever minha gratidão pelo cuidado, amor e proteção que tiveram comigo desde o meu nascimento, certamente me preparando para os passos que pude dar até hoje. Mesmo ausente em carne, sei que estão presentes, guiando meu caminho.

AGRADECIMENTOS

À Cacá, que é sempre a dona do primeiro pedaço de bolo – e, portanto, do primeiro agradecimento –, por teimar em se espelhar em mim.

À Dona Maria Auxiliadora, minha mãe, por todo o cuidado, proteção, carinho e companheirismo imensos.

Ao sêo Roberto, por sempre me lembrar que devo vencer a mim mesma em minhas dificuldades.

À tia Maria e ao tio Milton, por sempre serem conforto presente.

À Profa. Henriette, amiga e mãe acadêmica, por con-fiar e me ensinar a voar.

À Camila, pelas palavras de conforto e pelas risadas nos momentos mais precisos.

À Renata, por lembrar-me sempre que existe um mundo lá fora.

Ao Luiz, pela leitura sempre atenta e companhia carinhosa.

Ao Marcos, por ser dupla de mestrado, compartilhando aflições.

À Tabata, por ser a irmã mais velha que eu escolhi.

Aos meus queridos fiadores e cúmplices, sem os quais nada teria se construído: Juliano, Clélia, André, Lívia, Laura, Rodrigo L., Rodrigo D., Bárbara, Luciana, Jacqueline, Joyce, Gustavo, Anne, Alan, Nicole, Mirella, Marina, Daniel, Renata, Juliana e Regis.

À minha família, minha primeira rede, por me ensinar a coexistir.

Aos meus amigos pela presença constante em minha ausência.

Aos docentes, técnicos e alunos do IPUSP que, generosamente, concederam entrevistas valiosas para a construção do trabalho.

À Ianni e Fátima, pelas sugestões e empurrões mais do que pertinentes.

Aos *seniors* do LEFE, pelos conselhos sábios e por todo apoio ao longo desta jornada.

À Neidinha pelo colo, cuidado e carinho.

À Selene, por inspirar muitos dos passos.

Se você quer ir rápido, vá sozinho

Se você quer ir longe, vá junto

Provérbio Africano

RESUMO

CHOHFI, L. M. S. . Por entre fios e buracos: uma experiência para construção de uma rede de atenção a saúde no IPUSP. 2013. 92 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Esta pesquisa pretende problematizar a construção de redes de atenção na prática psicológica em instituições. Para tal, seu foco principal é investigar a possibilidade de construção de uma rede entre os serviços de atendimento do CEIP (Centro Escola do Instituto de Psicologia) da Universidade de São Paulo. A importância da construção de uma Rede de Atenção em saúde ficou evidente a partir do trabalho desenvolvido pelo LEFE, laboratório que suporta projetos de intervenção em modalidades de Aconselhamento Psicológico à luz da Fenomenologia Existencial. A ampliação destas modalidades oferece-se como um terreno fértil para a criação de propostas de prática psicológica que garantam um atendimento efetivo à comunidade. Ao mesmo tempo, traz à tona a dificuldade de encaminhamento de clientes que requeiram outros tipos de atendimento; desse modo, impõe-se a necessidade da formação de uma rede, envolvendo profissionais de saúde, educação e de outras áreas de conhecimento. Tendo como utensílios principais a Fenomenologia Existencial, como proposta por Martin Heidegger e Hannah Arendt e os escritos de Walter Benjamin acerca da narrativa, buscou-se conhecer, através de cartografia clínica, os serviços e laboratórios do CEIP/USP pela narrativa dos atores sociais que deles fazem parte. Foram realizadas entrevistas com docentes e técnicos, com posterior análise e devolutiva, buscando compreender como poderia ocorrer a construção de uma rede de atenção entre eles. Foram realizadas vinte e seis entrevistas com membros dos serviços/laboratórios do IPUSP. Algumas parcerias foram formalizadas, porém percebeu-se a impossibilidade de construção de uma rede unindo todos os serviços e laboratórios deste centro. Isso parece se dever à constituição da Psicologia como área de estudo, uma vez que ela própria é fragmentada em diferentes enfoques do mesmo “objeto”, favorecendo isolamento e especialização. Há ainda a necessidade de construção de um grupo articulado entre docentes e técnicos, para que um sentido de rede possa ser tecido a partir da necessidade de mudança. Nesse sentido, para além de tecer fios de rede a partir do LEFE, passou-se a criar situações/eventos em que essa demanda por uma rede pudesse se esclarecer. Alguns temas se apresentaram como possibilidades de demanda por esclarecimento que encaminhariam sentido a essa construção, como a preocupação com a extensão universitária e com a formação

contextualizada dos alunos de graduação. Percebeu-se, a partir da rede que se construiu tendo o LEFE como centro, a importância da interdisciplinaridade para que uma rede possa se firmar, assim como a necessidade de que os fiadores e demais participantes estejam engajados por um objetivo compartilhado. Concluiu-se também que a participação do Serviço Social é imprescindível para que a rede se construa e se mantenha. Notou-se, ao longo do percurso de trabalho que, os alunos expostos a este modo de trabalhar construíam uma escuta diferenciada, que permitia ouvir para além da demanda explícita do cliente, fazendo com que atenção e cuidado clínicos pudessem se manifestar de outras formas. Por fim, questiona-se a pertinência de redes que são construídas a partir de diretrizes, uma vez que redes dependem de um ideal e movimento partilhados para se firmarem.

Palavras-chave: rede de atenção em saúde; fenomenologia existencial; prática psicológica em instituições

ABSTRACT

CHOHFI, L. M. S. . Among threads and holes: an experience on building a network of health care at IPUSP. 2013. 92 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

This research intends to discuss the building of networks of attention in psychological practice in institutions. To this end, its main focus is to investigate the possibility of building a network among existing care services in CEIP (Clinical School Center of the Institute of Psychology), University of São Paulo. The importance of building a network of health care became evident with the work of LEFE, laboratory that supports intervention projects in various institutions in terms of Counseling Psychology modalities in light of Existential Phenomenology. The expansion of these modalities offers itself as a fertile ground for the creation of proposals for psychological practice that ensure effective service to communities encompassed by the services offered. At the same time, these new practices bring out the difficulty of routing clients requiring other types of care, thereby imposes the necessity of forming a network, involving health professionals education and other areas of knowledge, seeking encompass the demands arising. Having as main tools the Existential Phenomenology, as proposed by Martin Heidegger and Hannah Arendt and the writings of Walter Benjamin about the narrative, we sought to know, through clinic mapping, the services and laboratories at CEIP/USP by the narrative of the social actors who are part of them. Accordingly to this, interviews were conducted with professors and other employees, with subsequent analysis and feedback session, trying to understand how they saw the idea of building a network of care between them. Were performed twenty-six interviews with teachers and technicians from the services/laboratories at IPUSP. Some partnerships were formalized, but it was also realized that it was impossible to build a network linking all laboratories and services that belong to this center. This seems to be due to the formation of Psychology as a field of study, since it is itself fragmented into different perspectives of the same "object", favoring specialization and isolation. There is also the need to build a group articulated between professors and technicians, so that a sense of network can be woven from the need for change. Besides building the network from LEFE, situations/events were planned aiming that the demand for a network could be clarified. Some themes were presented as possibilities for demand for clarification adding meaning to this construction, such as concern for the university

extension and the formation of contextualized undergraduates. It was noticed from the network that was constructed having LEFE as a center, the importance of interdisciplinarity that a network can take hold, as well as the need for all participants to be engaged in a shared goal. It was also concluded that the participation of Social Work is essential for the network to be built and maintained. It was noted along the working path that students exposed to this mode of working listened to the clients differently, allowing the appearance of other things than the explicit request of the client, so that clinical attention and care could manifest itself in other ways. Finally, the relevance of networks that are built from guidelines is questioned, since networks rely on a shared ideal and movement to take hold.

Keywords: health care network; existential phenomenology; psychological practice in institutions

SUMÁRIO

I – Da Apresentação ou Entrelaçando histórias	14
1. Desde o passado como pertencimento.....	14
2. Entre o passado e o futuro: dos pedidos às possibilidades.....	17
3. Das possibilidades à realização.....	20
II – De Rede ou De Usos, significados e sentidos de rede.....	25
1. De rede em Sociologia ou Significados de rede.....	26
2. De rede em saúde ou Pesquisas sobre rede.....	28
3. De rede em Psicologia ou Pesquisas e usos.....	34
4. Da construção de um terreno ou Forjando um sentido de rede.....	39
4.1. Dos objetivos ou Da Intenção.....	41
III – Zuhanden ou Dos entes à mão.....	43
1. Da Metodologia ou Dos fios encontrados.....	43
2. Para amarrar fios ou Pela crônica.....	52
IV – De um percurso do trabalho ou Da crônica interpretada da vida cotidiana...	54
V – Das Considerações Possíveis ou dos Arremates entre Fios e Buracos.....	78
Referências Bibliográficas	83
Anexos	89

I – DA APRESENTAÇÃO OU ENTRELAÇANDO DE HISTÓRIAS

Esta pesquisa pretende problematizar a construção de redes de atenção na prática psicológica em instituições à luz da Fenomenologia Existencial. Para tal, seu foco principal é investigar a possibilidade de construção de uma rede entre os serviços de atendimento existentes no CEIP (Centro Escola do Instituto de Psicologia) da Universidade de São Paulo.

Como primeiro capítulo e introdução do trabalho, gostaria de apresentar a história do projeto dessa rede e a maneira como esta se entrelaçou à minha história fazendo com que brotasse a motivação para essa pesquisa. Percebo que alguns fios já começavam a se cruzar em mim, mesmo antes do início de minha história acadêmica.

1. Desde o passado como pertencimento

O LEFE, Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia, é o local de onde parte minha iniciativa de pesquisa, uma vez que sou colaboradora do mesmo há aproximadamente seis anos. Porém, a possibilidade de construção de uma rede a partir deste laboratório já havia sido levantada anteriormente, cabendo a mim, tocada pelo tema, retomar a questão e transformá-la em ação de fato.

Coordenado pela Profa. Dra. Henriette T. P. Morato, o LEFE nasce em 1998 buscando investigar e construir novos métodos de atendimento à comunidade, uma vez que o questionamento das formas clássicas de atendimento sempre fora um tema caro à coordenadora deste. Cabe aqui fazer um pequeno desvio do caminho para contextualizar, mesmo que rapidamente, o caminho percorrido por Morato para a criação do LEFE, uma vez que é a partir dele, por conta de suas particularidades, é que minha iniciativa de pesquisa pôde tomar corpo.

Morato foi das primeiras alunas de Psicologia formada pelo IPUSP, atuando como docente há mais de quarenta anos. Participou da fundação, ainda como estagiária, do

Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), que existe até hoje. Discípula de Raquel Lea Rosenberg¹, Morato tem sua formação na área de Aconselhamento² e atuou como supervisora do Plantão Psicológico do SAP durante 36 anos. As disciplinas ministradas por ela também tem foco que perpassa essa área de concentração. Porém, a partir do SAP, Morato começou a questionar a prática do próprio aconselhamento visto que este parecia, devido à escassez de estágios disponíveis ao curso de graduação em Psicologia, estar se engessando em sua ação. Segundo Morato (2006),

A escassez dos serviços públicos de Psicologia, somada aos também escassos estágios práticos durante o curso, contribui para transformar o Plantão numa triagem. Tal situação aponta para um possível automatismo da ação, engendrando uma prática com procedimentos previamente determinados: plantonista disponível por um espaço e tempo em um determinado lugar, compreendendo disponibilidade como presença física, o estar concretamente acessível a quem solicitasse atendimento. (p.6)

Buscando superar esse possível engessamento é que Morato funda o LEFE em 1998, conforme dito anteriormente. A partir deste laboratório, e em conjunto com técnicos e alunos de graduação e de pós-graduação, são oferecidos serviços de atendimento à comunidade em modalidades de Aconselhamento Psicológico construídas em conjunto. São elas, principalmente: Plantão Psicológico, Supervisão de Apoio e Oficinas de Criatividade, a serem apresentadas a seguir. Vale ressaltar que estas modalidades foram sendo construídas a partir do questionamento do modo clássico de atendimento em Psicologia e a sua pertinência ao contexto social da contemporaneidade.

¹ Rachel Lea Rosenberg ingressou como estudante de Psicologia na Universidade de São Paulo, em 1963, aos 32 anos. Concluído o curso em 1967, dedicou-se à vida acadêmica, sempre na USP, onde realizou o curso de pós-graduação (1968/1969). Doutorou-se em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP, em 1973, defendendo a tese Um Estudo da Percepção de Condições Psicoterápicas em Grupos de Aconselhamento Psicológico. Seu primeiro contato com Aconselhamento Psicológico foi durante a graduação, com o Prof. Oswaldo de Barros Santos. Provocada, desde então, pela visão de ser humano no atendimento psicológico - por meio da Psicologia Humanista e da Abordagem Centrada na Pessoa, recém introduzida no Brasil -, criou com o Prof. Barros Santos, em 1969, o Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), que coincide com o período inicial do reconhecimento da profissão de psicólogo no Brasil, no delicado momento político em que o país atravessava, em função do regime militar (MORATO, 2008).

² Em geral, o Aconselhamento Psicológico (counselling) é uma relação de ajuda que visa facilitar uma adaptação mais satisfatória do sujeito à situação em que se encontra e otimizar os seus recursos pessoais em termos de autoconhecimento e autonomia. A finalidade principal é promover o bem-estar psicológico e a autonomia pessoal no confronto com as dificuldades e os problemas. Aconselhar não é dar conselhos, fazer exortações nem encorajar disciplina ou prescrever condutas que deveriam ser seguidas. Pelo contrário, trata-se de ajudar o sujeito a compreender-se a si próprio e à situação em que se encontra e ajudá-lo encontrar-se em sua capacidade de tomar decisões. (SCHMIDT, 1987)

Plantão Psicológico é aqui entendido como uma ação que, em sua matriz, é essencialmente clínico-investigativa, pois busca esclarecer junto àquele que sofre uma demanda a partir dele mesmo, na tentativa de abrir possibilidades para que ele se responsabilize pelo seu próprio cuidar de si (MORATO, 2006). Nesse sentido, esse fazer clínico-investigativo se propõe a, junto ao cliente, resgatar dimensões da sua condição humana, compreendendo-as como ontológicas³ e não como obstáculos a serem transpostos ou adaptados a uma forma. É através dessa atitude que o plantonista acompanha o cliente no compromisso em relação ao seu sofrimento, conduzindo a que isto se torne uma questão para ele e, nesse sentido, responsabilizado, poder aprender novos modos de cuidar de si e de se conduzir por sua existência.

Já a Supervisão de Apoio, a partir do trabalho do LEFE, é uma modalidade de prática do Aconselhamento Psicológico que é trabalhada como metodologia interventiva para estudar o fenômeno da aprendizagem significativa na formação de agentes multiplicadores em saúde e educação, tendo em vista o acolhimento e compreensão do sofrimento humano como perdas de sentido nas instituições em que trabalham. Trata-se de um espaço de discussão e reflexão a serviço de cuidar dos trabalhadores institucionais que parecem carecer de sentido em seu fazer diário, necessitando buscar e construir outro direcionamento para o mesmo.

Por sua vez, Oficinas de Criatividade também são espaços para busca de sentido ao fazer de ofício. Por elas, recursos expressivos são utilizados como dispositivo psicológico e pedagógico para a formação de profissionais de saúde e educação, a partir da compreensão de *aprendizagem significativa*⁴.

Vê-se, então, que o foco principal do LEFE sempre se dirigiu, especialmente, a instituições, a partir de uma atitude peculiar de disponibilidade no contato com os outros. Pelo contato e pela afetação que este causa nos plantonistas e supervisores, o que é

³ Ontologia (em grego onto e logos, "conhecimento do ser") é a parte da filosofia que trata da natureza do ser, da realidade, da existência dos entes e das questões metafísicas em geral. A ontologia trata do ser enquanto ser, isto é, considera o ser em si mesmo, independentemente do modo pelo qual se manifesta. Refere-se, portanto, ao que é próprio do homem. (MERRIAM-WEBSTER, 2012)

⁴ “A *aprendizagem significativa* designa o processo de constituição e apropriação de um “saber fazer/saber dizer”, co-respondendo, dessa forma, à experiência. *Significado sentido*, portanto, diz respeito a um momento de criação, no qual encontram-se articuladas dimensões cognitivas e afetivas.” (MORATO & SCHMIDT, 1999, p. 128)

⁵ Interpretar trata do ato de atribuir significados à afetação sofrida a partir do que foi trazido pelo interlocutor.

sentido é interpretado⁵ e devolvido aos trabalhadores e clientes em questão, abrindo espaço para criação de sentido. Tal atenção atitudinal articula-se com os estudos em Fenomenologia Existencial empreendidos pelos membros do LEFE, tema este a ser explorado no capítulo IV desta dissertação.

Outra característica marcante deste laboratório é a plasticidade de suas práticas e a abertura para invenção/inação. Sempre em sintonia atenta e cuidadosa ao contexto social, a qualquer modificação ou variação deste implicam em que as práticas também acompanhem tal movimento, modificando-se naquilo que se faz necessário. Essa maleabilidade é possível pela abertura ao que se mostra do mundo e acolhimento do que dele se apresenta.

Por essa perspectiva é que foi possível terem sido atendidas pelo LEFE algumas instituições que, embora consideradas como de setor de Segurança Pública, foram compreendidas em suas situações e contextos específicos: uma Companhia da Polícia Militar, algumas unidades da Fundação Casa, uma Delegacia de Polícia. Por outro lado, outras solicitações para intervenção surgiram de setor educacional (um projeto do CEPEUSP para Educação pelo Esporte) que, apesar de sua simultaneidade ao da FEBEM, foi desenvolvido pela especificidade demandada pelo contexto. Nessa mesma direção, pode ser efetivada outra intervenção em setor habitacional, junto a mutirões para construção de casa própria, marcando a plasticidade da ação iniciada pela atenção à demanda contextualizada.

É por essa mesma perspectiva que os trabalhos desenvolvidos pelo LEFE atualmente contemplam instituições e intervenções diversas: Plantão Psicológico no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP), no Hospital Universitário da Universidade de São Paulo (HU/USP), no Departamento Jurídico da Faculdade de Direito São Francisco da Universidade de São Paulo (DJ), no Centro Escola do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CEIP/USP); Supervisão de Apoio às assistentes sociais da Superintendência de Assistência Social da Universidade de São Paulo (SAS) e o projeto de Construção de uma Rede de Atenção em Saúde, do qual trata este mestrado.

2. Entre o passado e o futuro: dos pedidos às possibilidades

Ao longo de seus anos de existência, o LEFE foi construindo seu modo de trabalhar. Normalmente as instituições o procuram com um pedido de intervenção: algumas para cuidar de problemas como depressão e uso de drogas, como foi o caso do pedido para o CRUSP, outras pedindo para que o nível de estresse fosse medido, como foi o da Polícia Militar. A partir disso, são estabelecidas conversas iniciais para que o laboratório destine um supervisor e alunos que tenham interesse na área para dar início ao trabalho.

Nem sempre o que é pedido é o que se faz necessário, pois não há clareza dos dirigentes das instituições quanto ao que seus atores sociais necessitam; eles, geralmente, trazem uma interpretação da necessidade de intervenção a partir da demanda da própria instituição; esta não é, de modo nenhum, inválida, porém é apenas uma das muitas visões e opiniões que constituem a trama institucional. É por este olhar que os alunos e supervisores dão início à modalidade denominada como *cartografia* pelo LEFE.

Segundo Braga (2009, p. 80),

Os projetos de Atenção Psicológica em Instituições abarcam, por um lado, um reconhecimento do território e, por outro lado, a pesquisa e constituição de modalidades de prática psicológica a partir das demandas percebidas e das relações construídas no contexto social. O conhecimento do território implica num reconhecimento do pedido inicial, manifestado por representantes da instituição, a partir de seu questionamento junto aos atores que partilham o espaço social, desvelando uma demanda institucional em que se entrelaçam múltiplas visões, angústias e impasses vividos no cotidiano, embora nem sempre expressos e relatados oficialmente. Esta práxis de investigação e configuração do espaço social tem sido denominada cartografia (MORATO, 1999⁶; NUNES⁷, 2006) ou cartografia clínica (AUN⁸, 2006).

Cartografia refere-se a percorrer o espaço da instituição buscando conhecê-la através dos atores sociais que dela fazem parte. Ainda segundo Braga (2009, pp. 82-83),

⁶ MORATO, H. T. P. Práticas Psicológicas em Instituições: formação de multiplicadores sociais e redes de apoio em saúde mental. Revista Interações, 1999. São Paulo, v.4, n.7, p. 59-75.

⁷ NUNES, A. P. Entre aprendizagem significativa e metodologia interventiva a práxis clínica de um laboratório universitário como aconselhamento psicológico. 2006. 203 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

⁸ AUN, H. A. Uma crônica inviável como o trágico avesso do mundo dos homens: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores. 2005. 143 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

“das questões levantadas pelos psicólogos-cartógrafos, visando conhecer e compreender a organização institucional e as relações na instituição e com a instituição, muitas vezes emergem questionamentos sobre a instituição, narrativas e opiniões dos atores sociais que, em si, já demandam um posicionamento e uma reflexão inicial com relação àquele cenário social. Por outro lado, a circulação e vivência no cotidiano do cenário social possibilitam aos cartógrafos o testemunho das relações e uma experiência direta, interventiva desde o início, sobre cuja reflexão se assenta a possibilidade de apreender e constituir brechas a partir das quais uma modalidade clínica pode ser instituída.”

A cartografia é, portanto, uma entrada já interventiva na instituição, uma vez que, percorrendo caminhos, os plantonistas já se dão a conhecer aos atores institucionais, aproximando-se por uma atitude clínica⁹.

Durante o período de cartografia, em espaço de supervisão, há a tentativa de articulação das múltiplas visões e experiências dos plantonistas, desenhando um mapa do cenário social que permite avaliar, então, a pertinência das modalidades de prática psicológica, podendo, assim, ser oferecidas apropriadamente no contexto detectado na cartografia (BRAGA, 2009).

O “relevo” desenhado e a intervenção encontrada como pertinente são devolutivamente apresentados aos dirigentes das instituições, bem como também a todos os atores institucionais. É um modo de comunicar como pudemos construir propostas a partir de suas contribuições.

Embora a cartografia inicial possa parecer culminar na devolutiva, o olhar cartográfico dos plantonistas, supervisores de campo e supervisor do projeto não se encerra aí. Permanece aberta a possibilidade clínica de re-significar a instituição e acompanhar suas transformações e movimentos (BRAGA, 2009), tal qual um mapa topográfico que precisa ser refeito após a erosão ou ascensão de outra paisagem. É precisamente num destes momentos de retomada de cartografia que eu me descubro como plantonista do LEFE e que minha questão de pesquisa se dá a conhecer em seus primeiros fios a entrelaçarem-se.

⁹ O termo clínica provém da palavra grega *kline*, que se traduz por leito, o que remete a que clínica signifique debruçar-se sob alguém que jaz numa cama: debruça-se para poder apreender e escutar aquele que carece de assistência para ser socorrido de seu mal; nesse sentido, a clínica é uma modalidade da solicitude, que tem como fundamento primeiro a escuta (ALMEIDA, 2005).

3. Das possibilidades à realização

Construí, até agora, o contexto privilegiado para que a minha questão de pesquisa tomasse forma. Neste item, gostaria de apresentar como originariamente ocorreu seu nascimento. Narrarei, assim, brevemente, qual caminho percorri até que me encontrasse intrigada pela possibilidade de construção de uma rede de atenção na prática psicológica em instituições.

Sempre tive gosto por pesquisa e logo cedo me dei conta disso. Criança daquelas que remexe os documentos de família, remonta histórias, percorre espaços, já no primeiro ano de graduação em Psicologia, em 2003, encantei-me com a possibilidade de adentrar os muros do então desativado Carandiru para coletar os materiais deixados pelos presos e fazer uma posterior análise. Lá já estava eu costurando os retalhos de uma história que a mim se mostrava, de modo que esta pudesse ser divulgada entre, pelo menos, meus colegas de turma. No entanto, este tipo de pesquisa, apenas por coleta e análise de dados, ainda não me era suficiente; sentia falta de algo, que me foi apresentado conforme continuei minha caminhada.

Outro momento de minha vida acadêmica, imprescindível de citar, foi o período em que estagiei no Curso Pré-Universitário da Psico. Através do Projeto Elaborar, pude descobrir outra forma de pesquisar: a pesquisa interventiva e participativa, que encaminha sentido ao que hoje em dia faz parte do meu trabalho. O Projeto Elaborar, que contou com a supervisão da Profa. Dra. Marie Claire Sekkel do Departamento PSA (Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade), constituía-se de grupos que se aproximavam a laboratórios de redação conduzidos por mim juntamente com uma colega de turma. Durante os encontros discutíamos temas que se relacionavam à realidade dos alunos, apresentada a nós por eles mesmos, e tentávamos auxiliá-los na elaboração de conflitos dela provenientes. Os alunos, ao longo do projeto, foram se mostrando cada vez mais autoconfiantes e, boa parte deles, conquistou vagas em boas universidades. Acredito que disponibilizar um espaço de intervenção, de diálogo e de co-construção foi fundamental para o que foi possível produzirmos juntos e para estas conquistas pessoais de cada aluno.

Ao mesmo tempo em que estagiava no Curso Pré-Universitário conheci o trabalho desenvolvido pelo LEFE. Participei, inicialmente, como estagiária no Plantão Psicológico desenvolvido em uma Companhia da Polícia Militar. Creio que esse semestre de estágio

foi decisivo para que meu interesse pelo tema da pesquisa deste mestrado pudesse brotar; tratava-se de meu primeiro contato mais profundo com um modo de trabalhar a partir do olhar da fenomenologia existencial.

Meus plantões costumavam durar de duas a três horas por semana. Acompanhada de dois colegas de turma e de um supervisor de campo¹⁰, eu passava meus plantões tentando entender o que de fato ali acontecia. De início, eu parecia esperar que os atendimentos ocorressem da maneira clássica: o cliente viria até mim com uma questão a ser pensada e elaborada. Essa minha expectativa foi ruindo dia após dia à medida que eu percebia não estar no *setting* clássico e que meus “clientes” não pretendiam me procurar da maneira como eu estava acostumada. Ora, eu estava em uma instituição em que todos devem ser fortes e não demonstrar fraqueza; eles são os responsáveis pela proteção da sociedade. Como poderiam procurar pelos psicólogos abertamente?

Ao mesmo tempo em que me angustiava a ausência de sentido para o meu fazer de psicólogo ali no plantão, já que o que eu reconhecia como prática psicológica parecia não se aplicar, fui experimentando uma sensação de muita liberdade. No espaço de supervisão semanal, todos podiam contar, a partir da própria visão, sem buscar concordar ou discordar, como tudo tinha se passado. Passei a sentir mais segurança para me expor e narrar minha experiência, assim como mais segura para experimentar manobras diferentes em campo. Sentia que aquele espaço, aberto pela prática específica do LEFE, era propício para a criação de modos outros de trabalho: era um lugar no qual eu poderia construir a minha própria prática em Psicologia.

Minha atitude em campo, então, mudou: passei a procurar os atores institucionais que estavam presentes na Companhia para conversar sobre o que quisessem, sem muitas restrições. Com isso, comecei também a ser procurada. Apreendi sobre a Polícia Militar nos anos 80, escutei atentamente várias formas de limpar as armas, assim como escutei a narrativa angustiada de uma soldado que estava grávida e com medo de ir à rua; algum tempo depois, segurei sua mão enquanto ela chorava por ter perdido o bebê. Senti-me marcar profundamente por essas experiências. Notei que minha atitude é que permitia que o contato fosse pro-ductivo¹¹ para ambos os lados: para os que me procuravam e podiam

¹⁰ Supervisor de campo é alguém com mais experiência na instituição e não só em Plantão que se oferece para ser o cuidador dos cuidadores. Trata-se de um plantonista mais experiente que estaria debruçado prioritariamente aos demais plantonistas (AUN, 2005).

¹¹ O termo “produção” vem do latim – productio, ónis, que significa: ato ou efeito de produzir, alongamento, extensão, demora (HOUAISS, 2009). O elemento de composição duz (interpositivo, do v.lat. dúco, is, dúxi, ductum, ère) se refere a “levar, transportar, puxar sem descontinuidade, conduzir, fato de encaminhar” (HOUAISS, 2009). Sendo assim, pro-ducção pode ser compreendido como favorecer o

conversar sobre o que se fazia necessário e possível, e para mim, que compreendia e levava adiante, plantão após plantão, meu modo próprio de trabalhar. Percebi que uma atitude, que fosse além da aceitação passiva, permitia à ação clínica não ser somente um discurso (ou um silêncio) eficiente sobre determinada questão. Permitiu, em co-construção, uma experiência que afetasse ambos os interlocutores, revelando sentido e encaminhando o poder-ser de todos e de cada um (CHOHFI, MORATO & PITA, 2007).

O plantão com o motorista de um coronel foi especialmente marcante. Eu estava em pé, próximo à guarita que ficava na entrada da Companhia. Ele me abordou perguntando se eu fazia parte do plantão, se era psicóloga. Eu respondi que sim e apresentei um pouco o serviço que ali era prestado. Permanecemos conversando em torno de meia hora. O soldado me contou sobre sua família e se deteve falando especialmente de seu filho mais novo, pois achava que ele não estava bem. Depois de conversarmos um pouco a respeito, ele fez uma pergunta que me intrigou: “Sei que não posso trazer meu menino para ser atendido aqui... Você conhece algum lugar para onde eu possa levá-lo?” Dei-me conta de que não, eu não sabia. Eu conhecia poucos serviços, embora estivesse já no quarto ano de graduação. Lembrei-me do serviço de atendimento psicológico do qual participava como estagiária da disciplina obrigatória Atendimento Clínico¹² e sabia que havia dias e horários de triagem. Não sabia quais eram, só sabia que havia. Disse que pesquisaria e traria as informações em meu próximo plantão. Porém, aquele motorista não fazia parte da Companhia, só estando lá naquele dia porque o coronel tinha uma reunião. Ele se contentou em saber que havia o serviço na USP e disse que iria até lá em seu dia de folga para conseguir maiores informações.

Senti-me envergonhada. Entendo perfeitamente que eu não poderia conceder àquele soldado tudo que ele precisava; compreendi que o meu fazer de ofício não poderia dar conta do mundo. Porém eu sabia que alguém conseguiria atender à demanda dele. Algum serviço poderia ajudar se eu soubesse qual. Ele era um soldado, não tinha mesmo obrigação de saber para qual serviço levar seu filho. Eu, psicóloga, se tivesse esta ferramenta, poderia ter contribuído mais. Permaneci com essa inquietação e passei a querer me informar melhor a respeito de serviços possíveis para poder lançar mão dessa informação quando preciso.

transporte, conduzir algo no sentido de (CAUTELLA JUNIOR, 2012).

¹² Disciplina que faz parte da grade curricular da formação de Psicólogo pelo IPUSP.

Em 2007, foi fundado o Atendimento em Plantão Psicológico (APP), que é um plantão conduzido pelo LEFE no CEIP todas as terças-feiras. Comecei a estagiar neste serviço e deparei-me com a multiplicação daquela inquietante conversa com o soldado.

O APP não tem nenhuma restrição de público: se o cliente chegar durante o período de atendimento, será atendido, não importando a região, a idade ou o tema. Os clientes apresentavam as mais variadas queixas que, quando esclarecidas em plantão, desembocavam nas mais variadas demandas, nem sempre se encerrando num único plantão. Havia a possibilidade de retorno se necessário, porém isto também não contemplava todas as demandas que surgiam. Percebi que nunca daríamos conta de tudo; nosso fazer é, de fato, incompleto. Passei a expor minha angústia com essa situação em supervisão. Como não havia ninguém comprometido em cuidar de informações a respeito de serviços mais específicos, eu, movida pela angústia, resolvi tentar.

Surgiam ideias de encaminhamentos durante as discussões de caso em supervisão. Como disse anteriormente, sempre gostei de pesquisar. Foi, então, o que eu me propus a fazer: pesquisar possíveis encaminhamentos para as demandas que surgiam dos atendimentos. Entrei em contato com clínicas fora do IPUSP, hospitais, Centros de Atenção Psicossocial (CAPs), centros de atendimento existentes em outras unidades da Universidade de São Paulo dentre outros. Via crescer em mim a vontade de propor algum trabalho no sentido de uma construção que pudesse dar conta da demanda para encaminhamentos.

A maior parte das pessoas que chegava ao APP, cuja demanda se configurava em necessidade por outro tipo de cuidado, normalmente precisava de encaminhamento para psicoterapia de longo prazo ou outros serviços relacionados à Psicologia. Desse modo, fui percebendo que buscava, cada vez mais, encaminhamentos para serviços fora do IPUSP. Foi quando, em conversa com a coordenadora do LEFE, questioneei a existência de outros serviços dentro do IPUSP com os quais poderíamos contar como parceiros. Este foi o primeiro momento em que minha questão de pesquisa se mostrou a mim: como poderia acontecer a construção de uma rede para atenção psicológica em instituições a partir dos serviços e laboratórios existentes no IPUSP?

Ainda em conversa com a Profa. Henriette, tomei conhecimento de um curso de aperfeiçoamento ministrado pelo LEFE em 2003, ano em que ingressei no IPUSP. Neste curso, como uma prática possível, uma vez que o LEFE sempre exige a participação em algum estágio atrelado à parte teórica, figurava a tentativa de construção de uma rede. Fui, então, buscar nos arquivos do laboratório o que já havia de material construído. Encontrei

transcrições de supervisão que me mostravam que os encontros eram semanais. As discussões giravam em torno de como seria possível viabilizar uma rede entre serviços diferentes como construção conjunta. O curso de aperfeiçoamento durou menos de dez meses e não foi possível partir da discussão para a ação de fato. Nada pôde ser concretizado a partir dessa primeira iniciativa para construção de uma rede, tampouco algo foi publicado a respeito.

Intrigou-me esta dificuldade em dar prosseguimento a essa ideia. Sob meu ponto de vista, a ideia de trabalho em rede, da forma como concebo, sempre soou muito natural, uma vez que humanos co-existem no mesmo mundo e se valem da ação entre homens e “coisas” para conferir sentido à existência. Nessa direção, ocorreu-me uma definição possível de rede: pessoas ou instituições que, movidas por necessidades compartilhadas, colaboram de maneira a cuidar desse coletivo, sem abdicar de suas particularidades, articulando-se, assim, também em suas diferenças.

É neste momento, quando recortando e justapondo partes da história de construção, marcada por minha experiência de plantonista e pela curiosidade aguçada de quem remonta e remenda histórias desde criança, é que minha questão de pesquisa se apresentou e me fez enfrentar o desafio. *Como a construção de uma rede de atenção na prática psicológica em instituições pode se oferecer como alternativa de integração para um melhor atendimento às necessidades da comunidade que a ela recorre, por ser tanto uma possibilidade para facilitar o trânsito entre pessoas e os saberes/fazeres dos diversos serviços e laboratórios do IPUSP, quanto expansão de comunicação e informação nessa área, a partir de uma leitura fenomenológica existencial?*

Para o desenvolvimento da pesquisa a partir desta questão, optou-se à estrutura em capítulos, após esta Apresentação. O segundo capítulo trata de um panorama dos usos da palavra “rede” em algumas áreas do conhecimento em interface com a Psicologia. Ainda como parte deste capítulo, apresenta-se o sentido de rede construído e adotado por esta pesquisa, bem como são detalhados seus objetivos. No terceiro capítulo são apresentados os utensílios teóricos que compõem a metodologia deste trabalho e orientam a apresentação do que foi sendo desvelado na pesquisa mesma. No quarto capítulo, narra-se o caminho percorrido durante a construção da investigação, articulando-se uma discussão com as ferramentas teóricas e diálogo com outros pesquisadores, visando uma interpretação para o que se apresentou. Finalmente, no quinto e último capítulo serão articuladas algumas considerações e encaminhamentos possíveis a partir da investigação realizada.

II – De rede ou De usos, significados e sentidos de rede

Neste capítulo pretendo apresentar significados e usos da palavra rede, bem como o que vem sendo pesquisado acerca deste tema em algumas áreas de conhecimento, como as ciências sociais, a área da saúde e a Psicologia. Trata-se de uma caracterização do terreno onde se insere esta dissertação. Vale ressaltar que a separação das áreas de concentração de estudos em itens diferentes dentro de um mesmo capítulo é somente uma tentativa de apresentar, didaticamente, o conteúdo pesquisado; não significa, de maneira nenhuma, pensar que Psicologia pode, por exemplo, aparecer de maneira desarticulada de saúde ou Sociologia. Afinal, a perspectiva interdisciplinar tem se apresentado como um desafio à formação interprofissional em saúde, a partir da proposta do Edital MCT/CNPq 401539/2006-7: A interdisciplinaridade como princípio formativo na graduação em saúde: dos planos às concepções docentes.

O advento da internet, maior conglomerado de redes de comunicações em escala mundial bem como a crescente globalização no contexto contemporâneo contribuíram para popularizar o termo “rede”, agora utilizado para designar uma grande variedade de objetos e fenômenos (PORTUGAL, 2007). Tal popularização atraiu o interesse de estudiosos buscando debruçar-se sobre este fenômeno para compreendê-lo e encontrar aplicações e usos para suas derivações possíveis, como acontece com as redes em saúde.

Após uma era notadamente marcada pela excelência da técnica, em que cada um se concentra em sua área de conhecimento tornando-se um especialista, e pelo isolamento decorrente dessa especialização, há uma re-volta para a significação e as possibilidades que as interligações entre homens ou instituições podem promover. Pode-se compreender tais iniciativas como ações em direção a compreender a coexistência como condição para a vida humana?

Os estudos mais aprofundados acerca das redes, como ligações entre os homens e entre estes e o mundo, surgiram primeiramente no campo da Sociologia. Estes se deram a partir de questionamentos quanto às metodologias de pesquisa e teorias vigentes que se demonstravam não suficientes para abarcar a realidade social entre humanos. Após o início dessa discussão nas Ciências Sociais, o termo rede, bem como seus possíveis usos, passou a ser exportado para outras áreas da vida. Cabe agora, então, apresentar um

panorama dos significados de rede propostos por pesquisadores e estudiosos do campo da Sociologia, pioneiros na discussão dessa temática.

1. De rede em Sociologia ou De conceitos e significados de rede

A Sociologia é uma área de conhecimento das ciências humanas que investiga o comportamento humano em função do meio, ou seja, volta-se para o estudo dos fenômenos sociais como processos, analisando os seres humanos em suas relações de interdependência: os indivíduos em sociedade (grupos e instituições), para explicar os fenômenos sociais e encontrar neles regularidades e repetições. Assim, busca compreender as diferentes sociedades e culturas e, como toda ciência, pretende explicar a totalidade do seu universo de pesquisa. Nesse sentido, justifica-se ter surgido nesse domínio o questionamento acerca do significado do estabelecimento de redes entre os homens: as *redes sociais*.

Por volta da década de 30 do século passado, o termo rede em Sociologia ainda era utilizado de maneira metafórica; ou seja, não se identificavam as redes por características morfológicas, úteis para a descrição de situações específicas, nem se estabeleciam relações entre as mesmas e o comportamento dos indivíduos que as constituíam (PORTUGAL, 2007). Contudo, ainda ao longo do século XX, o conceito de rede tornou-se tema de discussão central nas teorias sociológicas, insinuando-se até a possibilidade de criação de um novo paradigma para significá-lo.

Esse movimento deveu-se à insatisfação dos pesquisadores da área com as teorias vigentes na época, cuja rigidez revelava-se cada vez mais ineficaz na análise das realidades empíricas complexas com que trabalhavam (PORTUGAL, 2007). As teorias eram estruturadas de tal forma que a realidade parecia não mais se encaixar ou poder ser vista através delas. Muitas contemplavam grupos restritos como foco de análise e, exatamente pela restrição, os autores tinham sérias dificuldades em lidar com sistemas sociais ou instituições que fossem mais complexos, o que acontecia com frequência.

A partir disso, passou-se, então, a buscar saídas para tal esgotamento teórico; uma delas foi debruçar-se sobre as redes sociais para, a partir delas, estudar os fenômenos sociais, como ocorreu a partir da década de 50 do século passado. Em certo sentido, pode-se dizer que foi um retorno da Sociologia ao seu objetivo primeiro: estudar o que sucede

em sociedade. Se esta é formada por homens que se relacionam em interdependência, como estudá-la senão a partir das relações que lhe conferem forma e significado?

Em meio a muitos teóricos em Sociologia, embora redes sejam seu tema de estudo, não há um consenso quanto a uma definição do conceito. Uma autora que merece destaque é Elizabeth Bott¹³, responsável por chamar definitivamente a atenção da comunidade científica para o conceito de rede social. Segundo ela, baseando-se em suas pesquisas sobre família e redes sociais, a dinâmica familiar não depende apenas do comportamento de seus membros, mas também das relações que estes estabelecem com os outros, ou seja, a rede social influencia diretamente na definição das relações familiares (BOTT, 1976, apud PORTUGAL, 2007, p.5). Distinguindo entre redes de malha estreita e malha frouxa, Bott desenvolveu a primeira medida da estrutura de uma rede: a conexidade. Redes de malha estreita seriam aquelas onde há muitas conexões entre os membros; as de malha frouxa seriam as que teriam uma menor densidade de relações (PORTUGAL, 2007). Segundo análise da autora, quanto mais conexa for a rede de uma família, maior será a segregação dos papéis entre marido e mulher (PORTUGAL, 2007).

Outros autores da área definem que as próprias estruturas sociais podem ser representadas por redes e valorizam esta outra possibilidade de olhar:

As estruturas sociais podem ser apresentadas como redes – como conjuntos de nós (ou membros do sistema social) e conjuntos de laços que representam suas interconexões. Esta é uma ideia maravilhosamente libertadora. Dirige o olhar dos analistas para as relações sociais e liberta-os de pensarem os sistemas sociais como coleções de indivíduos, díades, grupos restritos ou simples categorias. (WELLMAN & BERKOWITZ¹⁴, 1991, apud PORTUGAL, 2007, p.6)

A valorização do estudo das redes sociais justifica-se por estes focarem-se nas relações estabelecidas entre os homens, não se detendo a simples variáveis. Ao que parece, parte dos estudiosos de Sociologia pensam que o ponto de partida para os estudos de investigação da sociedade não podem ser unidades independentes, como as variáveis, mas sim as relações que as interligam; não se pode querer compreender a estrutura ignorando-se as relações que se estabelecem entre seus elementos. É esta a armadilha que o estudo das redes pretende evitar, procurando regularidades, grupos, categorizações, de

¹³ Nascida em 1924, Bott foi uma antropóloga canadense. Formou-se em Psicologia primeiramente na Universidade de Toronto e, posteriormente, em Sociologia pela Universidade de Chicago. Sua maior área de interesse era o grupo familiar.

¹⁴ Wellman, B.; Berkowitz, S. D. (orgs.) Social Structures. A Network Approach. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

modo indutivo, através da análise do conjunto de relações (PORTUGAL, 2007). Nesse sentido, parece tomar forma uma necessidade de ir a campo para, a partir disso, pensar e formular as categorias e grupos.

Outro ponto comumente valorizado por autores de Sociologia é a flexibilidade que as pesquisas a partir das redes sociais costuma trazer aos estudos. Partindo-se tanto do princípio de que o ator social é condicionado pelo tecido de relações do qual faz parte quanto do princípio de que o tecido é que condiciona o ator, o estudo das redes permite acompanhar os movimentos executados por entre as relações em sociedade, apresentando dados “em tempo real”. A teoria das redes em Sociologia seria, portanto, uma abordagem que tenta responder a duas ambições: explicar o comportamento dos indivíduos através das redes em que se inserem e explicar a estruturação das mesmas a partir da análise das interações entre os indivíduos e suas motivações (PORTUGAL, 2007).

De qualquer forma, o estudo das redes sociais trouxe benefícios a área da Sociologia e dos estudos em ciências humanas em geral: aproximou o pesquisador do campo, fazendo com que este não se reduzisse a meramente o local de aplicação de determinada teoria ou princípio. O campo passou a ser consultado previamente para dele serem retirados os dados, para que ele pudesse, de certa forma, “falar” por si. Por conta destes estudos e de muitos outros, ainda sendo desenvolvidos, é que outros campos foram “contaminados” pelo conceito de rede, passando a ser também pesquisado e utilizado seu significado, como é o caso da saúde, que apresento em seguida.

2. De rede em saúde ou De pesquisas sobre rede

O processo de globalização citado anteriormente, a partir da década de 50 do século XX, trouxe consequências para a área da saúde, especialmente no que diz respeito à necessidade de uma maior eficiência e efetividade (CHERCHIGLIA & DALLARI, 2006). Não é senão como resposta a isso que se torna compreensível o surgimento recente de diversas propostas para sua reconstrução (CZERESNIA & FREITAS¹⁵, 2003, apud AYRES, 2004). No entanto, este não é um processo simples, visto que o funcionamento

¹⁵ Czeresnia D.; Freitas C. M. (org.). Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003. p.39-53.

das instituições tende a um isolamento que, muitas vezes, torna inviável a integração e intercâmbio entre si. Pode-se pensar se isto decorre pelo modelo de formação que recebem os profissionais da saúde, cujo caráter é muito mais técnico e específico do que articulado e integrado.

A implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) e da Rede de Atenção em Saúde (RAS) no SUS surgiu em resposta a essa necessidade de reconstrução buscando, em nosso país, transformações no âmbito das políticas públicas de saúde, alinhadas ao paradigma da integralidade da atenção à saúde, da intersetorialidade e da ação em rede. A estruturação da RAS surge, nesse sentido, como uma estratégia para superar a fragmentação da atenção e da gestão nas Regiões de Saúde e aperfeiçoar o funcionamento político-institucional do Sistema Único de Saúde (SUS) com vistas a assegurar ao usuário o conjunto de ações e serviços que necessita com efetividade e eficiência, assim como distribuir de maneira mais adequada os recursos disponíveis (BRASIL, 2010).

Segundo a Portaria 4.279 de 30 de dezembro do ano de 2010, que regulamenta a implantação da RAS,

O modelo de atenção à saúde vigente fundamentado nas ações curativas, centrado no cuidado médico e estruturado com ações e serviços de saúde dimensionados a partir da oferta, tem se mostrado insuficiente para dar conta dos desafios sanitários atuais e insustentável para os enfrentamentos futuros.

Buscando, então, superar os entraves deste modelo de atenção, bem como considerar as características peculiares de cada região do Brasil, é que surge a iniciativa da RAS. A Rede de Atenção à Saúde é definida como arranjos organizativos de ações e serviços de saúde, de diferentes densidades tecnológicas, que integradas por meio de sistemas de apoio técnico, logístico e de gestão buscam garantir a integralidade do cuidado para com os cidadãos brasileiros. Essa rede tem como objetivo: - promover a integração sistêmica, de ações e serviços de saúde com provisão de atenção contínua, integral, de qualidade, responsável e humanizada; - incrementar o desempenho do Sistema, em termos de acesso, equidade, eficácia clínica e sanitária; - eficiência econômica (BRASIL, 2010).

Tendo a Atenção Primária à Saúde (APS) como centro organizador, a RAS funcionaria lançando fios a partir deste centro aos pontos de atenção, que podem ser atendimentos em domicílio, unidades básicas de saúde, unidades ambulatoriais especializadas, serviços de hemoterapia e hematologia, centros de apoio psicossocial, residências terapêuticas, hospitais entre outros (BRASIL, 2010). De formato estelar, a

RAS teria na APS uma espécie de porta de entrada e triagem, que encaminharia posteriormente, caso se fizesse necessário, os cidadãos que precisassem de cuidados mais específicos. A partir da construção de uma rede, que seria regulada por contratos, o governo enxerga uma possibilidade de humanizar o cuidado e torná-lo mais efetivo.

O interesse no estudo, uso e construção de redes não foi apenas uma iniciativa governamental. Acadêmicos da área da saúde também se propuseram a discutir o tema. Entre tais discussões acerca de redes, destacam-se duas pesquisas, com enfoques diferentes, sendo uma tese de Doutorado (MALFITANO, 2008) e uma dissertação de Mestrado (SUGAMOTO, 2008).

A primeira pesquisa, com metodologia próxima à desta dissertação de mestrado, foi desenvolvida por Ana Paula Malfitano para a obtenção do título de Doutor pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. A tese, “A Tessitura da Rede: entre Pontos e Espaços. Políticas e Programas Sociais de Atenção à Juventude – situação de rua em Campinas – SP” (2008), propôs descrever um dos programas do Plano Municipal para Infância e Juventude, implementado em Campinas (SP), durante a gestão de 2001-2004. Além disso, a pesquisadora visou investigar a rede de serviços estabelecida a partir deste programa no período de 2001 a 2006, questionando o estabelecimento efetivo de inovações sociopolíticas e a produção de mudanças na vida dos usuários (MALFITANO, 2008).

O programa “Criando Rede de Esperança” foi o alvo da pesquisa de Malfitano. O grupo deste programa tinha como objetivo constituir uma rede de serviços que atendesse meninos e meninas em situação de rua, com a finalidade de articular os diversos equipamentos, levantar demandas comuns e apresentá-las aos gestores públicos para seu encaminhamento (MALFITANO, 2008). Iniciativa privada e pública se combinavam na equipe deste programa: Secretarias de Cultura, Educação e Saúde, de um lado, e ONGs, de outro. O público-alvo, ou seja, os meninos e meninas em situação de rua poderiam circular pelos serviços oferecidos dentro desta articulação.

A pesquisadora, buscando conhecer a fundo o programa “Criando Rede de Esperança”, partiu de entrevistas semi-dirigidas com gestores das diferentes Secretarias que faziam parte desta rede, com técnicos e coordenadores dos serviços e com meninos e meninas que transitavam por esta rede. Além disso, a pesquisadora acompanhou a trajetória de cinco dos meninos, buscando compreender a visão deles quanto ao apoio oferecido. A metodologia de trabalho que Malfitano (2008) utiliza se aproxima a esta

presente pesquisa, como explicitado anteriormente: busca-se conhecer as instituições através dos atores sociais que as compõem.

Em suas conclusões, Malfitano sinaliza que a inclusão da população alvo do programa na esfera de ação do Estado, através da criação de políticas públicas para tal, é recente e, portanto, ainda insuficiente para abarcar de fato as necessidades deste grupo. A pesquisadora relata, ainda, que muitas das ações são construídas baseando-se em conceitos distintos de juventude o que torna, muitas vezes, a articulação complicada, assim como não corresponde às necessidades reais desta parte da população, que acaba por não ser contemplada da maneira pertinente.

Outro ponto levantado por Malfitano em suas conclusões relaciona-se ao trabalho em rede. A pesquisadora aponta este como tendo sido base fértil para que a prática, focando os jovens em situação de rua, desenvolvida a partir do programa “Criando Rede de Esperança”, se mantivesse ativa. Porém, também sinaliza que o relacionamento entre estes diversos atores sociais, das ONGs e Secretarias, era por vezes complicado, embora rico, por possibilitar a discussão e construção de práticas a partir de diversos olhares. Contudo, explicita como a rigidez das relações constitutivas e a disputa consolidada por projetos em circulação (MALFITANO, 2008) desembocavam muitas vezes em um afastamento entre serviços participantes do programa, o que era percebido pelos jovens que por eles circulavam. Por fim, a pesquisadora destaca que a ação em rede, com enlases e desenlaces, contribuiu, principalmente, para a entrada da temática infanto-juvenil na agenda política, resultando no fortalecimento de espaços de atenção, no desenvolvimento de possibilidades de novas elaborações e ações na diversidade, como também na vivência efetiva dos limites da dinâmica cotidiana dos serviços de intervenção (MALFITANO, 2008).

Por sua vez, a dissertação de mestrado de Melissa Tiekko Muramoto, apresentada no ano de 2006, versa sobre as redes sociais dos usuários de um serviço de saúde mental do estado de São Paulo. Intitulada “A sustentabilidade da vida cotidiana: um estudo das redes sociais de usuários de serviço de saúde mental no município de Santo André (SP, Brasil)”, buscou caracterizar as redes dos usuários do NAPS (Núcleo de Apoio Psicossocial) II do referido município.

De início, Muramoto assinala a crescente importância que vem sendo dada à discussão das redes especialmente no campo da saúde. Relata também, a partir de diversas fontes, os benefícios conferidos aos indivíduos que se encontram interligados a outros em rede. Segundo ela, estudos epidemiológicos recentes assinalam que o envolvimento em

uma rede social de suporte está relacionado ao aumento da sobrevivência de indivíduos após diagnóstico de doença coronariana, acidente vascular cerebral e câncer, além de diminuição da incidência de insônia e da aquisição de hábitos como tabagismo e alcoolismo e também o risco de doenças demenciais (MURAMOTO, 2006). Além disso, a pesquisadora aponta que o não pertencimento a nenhuma rede ou a redes pouco vascularizadas ajuda no processo de adoecimento, pois o indivíduo, quando já adoecido, tem ainda mais dificuldades para estabelecer relações, acabando por se tornar um ciclo vicioso.

Muramoto explora ainda o conceito de redes sociais, retomado na década de 1950, por conta dos limites da análise sociológica a partir de modelos que se baseiam nas dicotomias tradicionais: indivíduo e sociedade, ação e estrutura, objetividade e subjetividade; por conta disso, acabam perdendo a dinâmica como movimentos sociais e de mudanças (MURAMOTO, 2006). O foco nas redes estabelecidas entre os cidadãos, por sua vez, traria a riqueza destes detalhes para a discussão, promovendo um maior conhecimento do objeto de estudo.

Além do conceito de redes sociais isoladamente, a pesquisadora também discute as redes de portadores de transtornos mentais, como aparentemente mais restritas e enfraquecidas; isto porque, quando o transtorno eclode, este pode ocasionar fraturas relacionais, efeito também causado pelo asilamento hospitalar ou dependência e/ou institucionalização em relação aos serviços de saúde (MURAMOTO, 2006). Essas fraturas fazem com que as redes sociais tenham que se reorganizar, normalmente restringindo a rede ao próprio círculo familiar, já que são aqueles que conseguem, de certa forma, transitar por espaços de restrição de acesso mais elevado.

Segundo Muramoto (2006), quanto maior o laço social, maiores são as chances de que ele funcione como apoio, tendendo a aumentar a probabilidade de que se consiga algum tipo de auxílio por seu intermédio. Ou seja, quanto maior o número de conexões com o mundo, maiores são as possibilidades de se realizar um encaminhamento efetivo para as necessidades dos portadores de transtornos.

A motivação da pesquisa de Muramoto brotou da importância de se discutir e identificar as possibilidades de estratégias para garantir sustentabilidade à vida das pessoas portadoras de transtornos. Segundo ela, seria propriamente um ato de cidadania trabalhar e devolver as redes sociais à vida destas pessoas. Nesse sentido, questiona-se: seria possível extrapolar esta relação discutida também aos não-portadores de transtornos mentais e às instituições de saúde em geral?

Baseando-se nos conhecimentos sobre redes sociais e adotando uma postura etnográfica, Muramoto debruçou-se sobre as histórias de usuários do NAPS II para compreender a constituição e caracterizar suas redes sociais. A partir disso, buscou discutir a importância da intervenção nas relações estabelecidas e o papel dos serviços nesse processo de adoecimento e desenraizamento. Para pesquisar tal fenômeno, utilizou, como instrumentos, entrevistas pautadas, observação participante e caderno de campo.

Como principais conclusões, Muramoto (2006) aponta que o grupo estudado apresenta rede social enfraquecida e relaciona este fato às rupturas causadas pelas situações de crise ou institucionalização, que acabam por retirar os indivíduos de suas redes de relações, expondo-os a situações de vulnerabilidade social. A rede próxima acaba se restringindo à família e ao serviço do qual dependem – neste caso, o NAPS II. Essa rede, no entanto, encontra-se esgotada, por somente contar com ela para tudo. Segundo a pesquisadora, os laços de amizade e a inserção no mercado de trabalho são praticamente nulos, o que acaba por contribuir para que a família e os serviços concentrem todas as relações existentes.

Além disso, a pesquisadora conclui que o serviço, quando da construção de projetos terapêuticos, não considera os aspectos referentes à sociabilidade dos usuários, influenciando negativamente na prevenção de influências indesejáveis nas redes sociais após a eclosão do transtorno mental. Muramoto assinala com veemência a necessidade de que isso seja revisto, visando reinserir em sociedade, de maneira saudável, os portadores de transtornos mentais.

Por essas conclusões apresentadas pela pesquisadora, faz-se possível relacionar a dificuldade em auxiliar aqueles que necessitam vincular-se a relações ao fato de que os serviços, de certa forma, operam isolados e autossuficientemente. Se o serviço acredita bastar-se em si mesmo, como poderá construir caminhos outros para os usuários que o frequentam e dele dependem? Propõe-se, nesta pesquisa, um espaço para refletir acerca da construção das redes de serviços, seus benefícios e dificuldades, a partir de uma universidade pública, que, por excelência, é um espaço dedicado à construção de conhecimento em saúde, em várias de suas áreas de pesquisa, ensino e extensão à comunidade.

Para além dos pesquisadores e estudiosos das áreas da Sociologia e saúde, pesquisadores do campo da Psicologia também têm se interessado por estudar o fenômeno das redes. Tal empreendimento ocorre talvez num grau de aprofundamento e foco maiores no conteúdo das relações estabelecidas entre os homens que formam determinada rede em

detrimento da busca de relações gerais ou mera aplicação do termo, dado que o foco principal de estudo da Psicologia é o que é próprio do homem. Pesquisas com este enfoque serão apresentadas no próximo item deste capítulo.

3. De rede em Psicologia ou Pesquisas e usos

Várias pesquisas em Psicologia tratam das redes/redes de apoio social como tema central. Porém, tais iniciativas partem de enfoques diferentes do pretendido nesta dissertação de mestrado, que trata da integração entre serviços de atenção em saúde. As redes a que estas pesquisas fazem referência são as dos vínculos estabelecidos entre pessoas: as amizades, a família ou os contatos criados a partir da pertença a determinados grupos.

Um exemplo é a dissertação de mestrado de Marcos Hiroyuki Suguiura (2009), cujo título é “Relações entre a rede social e as migrações Brasil-Japão”. A pesquisa apresentada visou analisar as Redes de Apoio dos dekasseguis¹⁶, os nós que as formam, a qualidade dos vínculos que os unem e verificar a influência destes atores sociais nas decisões do trabalhador brasileiro no Japão (SUGUIURA, 2009). Suguiura considera rede como sendo o tecido de relações e interações que se estabelecem ao redor do indivíduo, cujos pontos de intersecção podem ser pessoas, instituições ou os grupos com os quais se tem contato.

Em seu trabalho, Suguiura diferencia dois tipos de redes: a Rede Migratória e a Rede de Apoio. A Rede Migratória é aquela da qual o ator social faz parte e que se direciona unicamente à finalidade de migração. Já a Rede de Apoio é aquela que supre a função de suportar o indivíduo, oferecendo ajuda material, informações, abrigo, continência afetivo-emocional (SUGUIURA, 2009).

¹⁶ Dekassegui é um termo que se refere ao japonês que mora no Brasil ou ao brasileiro descendente de japoneses que imigra para o Japão normalmente para trabalhar por pelo menos um ano.

¹² Teoria fundamentada é uma metodologia geral usada no desenvolvimento de uma teoria fundada em dados sistematicamente coletados e analisados. A teoria evolui durante a pesquisa real, e o faz devido à contínua interação entre análise e coleta de dados. Um aspecto central desta abordagem analítica é ser um método geral de análise comparativa constante; foi desenvolvida originalmente pelos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss.

A partir da abordagem Intercultural e tendo metodologia que obedece aos preceitos da Teoria Fundamentada¹⁷, o pesquisador realizou entrevistas semi-dirigidas buscando conhecer os movimentos migratórios dos entrevistados (quantas vezes já haviam ido ao Japão, se já haviam mudado de região e tempo de permanência) e os contatos que permaneceram ao longo deste caminho. As entrevistas foram feitas presencialmente ou através do MSN, um comunicador por mensagens instantâneas.

Segundo as conclusões da dissertação de Suguiura, as Redes de Apoio, mais enfocadas em sua pesquisa do que as Migratórias, parecem ser de muita importância aos dekasseguis. As Redes de Apoio sempre estiveram presentes quando da tomada de decisões por parte do imigrante, sendo normalmente constituídas pela família que permaneceu no Brasil, amigos e/ou namorados(as). Porém, o pesquisador destaca também um efeito que pode ser considerado como negativo da ligação tão forte estabelecida com este tipo de rede. O dekassegui se sente tão confortavelmente acomodado nela que não sente necessidade de, por exemplo, aprender o idioma local, de se comunicar e, quem sabe, construir outra Rede de Apoio no Japão. Isto, segundo um dos entrevistados, pode auxiliar numa maior exploração por parte do empregador no Japão, uma vez que, não falando japonês, os dekasseguis tornam-se muito dependentes e vulneráveis ao que for estabelecido para ele.

Outra pesquisa que pode ser citada é a tese de doutorado de Adriana Guimarães Rodrigues (2010), cujo título é “Habilidades comunicativas e a rede social de apoio de idosos institucionalizados”. A partir da abordagem comportamental, a pesquisadora buscou desenvolver um estudo descritivo e correlacional que teve como objetivo identificar e descrever classes de comportamentos da conversa de idosos institucionalizados, medir suas frequências de ocorrência e verificar suas relações com a estrutura da rede social e com o tipo de apoio que recebiam (RODRIGUES, 2010). A pesquisadora encontrou com cada um dos trinta idosos institucionalizados participantes de sua pesquisa por duas vezes e estes encontros foram filmados. No primeiro encontro, utilizando-se de instrumentos de pesquisa como entrevista e teste de interação real planejada, a pesquisadora pôde coletar quais comportamentos eram exibidos na conversa com os idosos, sendo estes verbais ou não-verbais. Já através do material coletado no segundo encontro, buscou quantificar e concluir quais comportamentos se repetiam por

mais vezes. Todos os comportamentos encontrados pela pesquisadora eram relatados a juízes para que estes julgassem a fidedignidade do material coletado.

De maneira geral, durante os encontros, os idosos, embora tenham tido, em sua maioria, suas habilidades comunicativas julgadas como boas, fizeram poucas perguntas a respeito da pesquisadora e demonstravam, na verdade, um interesse excessivo em falar de si mesmos. A pesquisadora, através da análise dos dados coletados, pôde dividir os idosos participantes em três grupos menores: o grupo dos que faziam pequenos comentários, o dos que fizeram comentários amplos e o dos que dominavam o turno da fala (RODRIGUES, 2010).

Através das correlações estabelecidas e análises comparativas feitas por ela, observou-se que os idosos que fizeram pequenos comentários tinham, em média, menos pessoas em sua rede social. Segundo Rodrigues (2010), as análises comparativas entre os grupos indicam que boas habilidades comunicativas estão relacionadas com uma maior quantidade de pessoas na rede social e mais apoio afetivo e interação positiva. Portanto, os resultados da pesquisa de Rodrigues indicam a necessidade de programas que visem o desenvolvimento das habilidades comunicativas para que os idosos institucionalizados possam conquistar uma boa rede social de apoio.

Uma área da Psicologia que se interessa mais comumente pelas discussões do tema “rede”, talvez com um enfoque mais aproximado ao da Sociologia, é a Psicologia comunitária. Vários autores dessa área tem estudado o fenômeno das redes buscando encontrar suas características principais ou gerais e, especialmente, explicar o processo psicossocial da formação e interação através das redes (MONTERO, 2006). O texto “Las redes comunitarias”, publicado por Maritza Montero, pesquisadora e psicóloga venezuelana, no livro “Teoria y Practica de la Psicología Comunitaria”, faz um passeio pelo conceito de rede para tratar, ao fim, das redes comunitárias, como já é apontado pelo próprio título. Segundo ela, as redes são estruturas sociais confusas em seu traçado que permitem difundir e deter, atuar e paralisar; são os locais onde e através dos quais as pessoas encontram apoio e refúgio, além de recursos.

Ainda segundo Montero (2006), as redes teriam determinadas características, reconhecidas na literatura, como suas principais. A primeira delas seria o fato de se tratar sempre de um conjunto de seres que interagem entre si de maneira frequente e regular, sendo esta uma característica não exclusiva das redes, aparecendo também em grupos ou famílias. Outra característica citada por ela é que as pessoas organizadas em rede o fazem segundo um interesse ou valor comum, ou seja, a rede sempre visa algo, sempre tem

algum objetivo ou finalidade que ultrapassa os desejos pessoais dos que dela fazem parte; rede é sempre um *para* algo, uma inclinação. Por outro lado, são sempre também de sustentação, apoiando a quem se inclina para algo.

Montero (2006) diz também que as redes são sempre heterárquicas e flexíveis, não possuindo uma hierarquia de poder que exige que se responda a uma autoridade superior; permanecendo em constante transformação, todos os seus participantes podem exercer liderança em sua área de competência em um dado momento, sem que isso se cristalice. Segundo ela,

Como se puede ver, mas que de una definición, los aspectos enumerados nos hablan de las funciones que cumplen las redes sociales y sus características constitutivas. Además de la borrosidad antes mencionada, es necesario señalar que las redes son la expresión más evidente de las relaciones sociales que construimos y en la que somos. Así, no sólo son una fuente creativa de recursos, dinámica y flexible, sino también, como todo fenómeno humano, complejas (MONTERO, 2006, p.203).

Após descrever as redes sociais em geral, Montero parte para tratar do foco principal de seu texto, que são as redes comunitárias. Segundo ela, a organização comunitária se refere ao processo que um grupo de pessoas desenvolve a partir de seu trabalho em comunidade para distribuir as atividades, delegar responsabilidades, organizar e sistematizar o que foi conseguido a partir do cumprimento das tarefas para, com isso, buscar melhorias visando uma melhor qualidade de vida (MONTERO, 2006). As redes sociais comunitárias seriam um dos modos de organização possível em comunidade.

Para Montero, a partir da perspectiva psicossocial comunitária, as redes das organizações comunitárias seriam uma trama de relações que mantém um fluxo e refluxo constante de informações e mediações organizadas e estabelecidas com uma finalidade comum: o desenvolvimento, o fortalecimento e o alcance de metas específicas de uma comunidade em um contexto particular (MONTERO, 2006). Segundo ela, cada rede comunitária se constrói de determinada maneira e apresenta características específicas. No entanto, seria possível reconhecer algumas destas características em muitas delas.

Uma primeira particularidade das redes comunitárias apresentada por ela é o fato de que estas redes admitem a participação de diferentes pessoas, grupos ou organizações que fazem parte da comunidade, mesmo que atuem em áreas diferentes, como economia, cultura ou religião. As áreas devem cooperar buscando alcançar uma melhoria ou um bem compartilhado. Outra característica destas redes diz de um manejo de informações por

seus membros através de um fluxo ágil e constante; a coesão é necessária para buscar uma construção que seja, de fato, coletiva.

A interdependência também é citada por Montero como algo comum nas redes comunitárias. Cada membro deve reconhecer que sua participação é tão importante quanto à do outro para o alcance da meta; um sempre depende do outro para alcançar o bem comum. Nesse sentido, os membros da rede devem estar comprometidos e compromissados com seu trabalho, participando do processo de organização e cumprindo obrigações que se fazem necessárias para o alcance dos objetivos propostos. A flexibilidade, assim como a possibilidade de reconstrução, faz com que as redes comunitárias estejam sempre em processo de transformação, buscando construir as melhores estratégias, para chegar ao objetivo traçado.

Além de descrever as principais características das redes, a autora discute processos psicossociais que podem desvirtuar ou prejudicar o funcionamento das mesmas. A existência de líderes egocêntricos, assim como a desconfiança e os fracassos que se tenha enfrentado quando da execução de tarefas, além da rigidez na organização, podem influenciar negativamente o funcionamento das redes comunitárias. Montero, por outro lado, também apresenta processos que podem alavancar o funcionamento das redes comunitárias. A maximização dos processos de socialização das informações, uma melhor distribuição de recursos, responsabilidades e tarefas, o resgate da cotidianidade como potencial para a ação comunitária, assim como momentos de reflexão a respeito do próprio trabalho, costumam conscientizar os membros da importância de seus papéis fazendo com que os objetivos sejam alcançados mais facilmente (MONTERO, 2006).

A partir dos trabalhos e estudos apresentados, tanto na Sociologia quanto na área da saúde e na Psicologia, podem-se reconhecer diversos enfoques para o tema das redes; são variados olhares que interrogam este mesmo fenômeno. Cada um destes olhares utiliza determinados aportes e lentes, sejam eles teorias, métodos ou procedimentos para, a partir disso, construir um trabalho baseado num recorte do que seria o possível conceito de rede.

Faz-se necessário, agora, anterior à apresentação do caminho construído, apresentar as ferramentas que me auxiliaram durante a pesquisa. Primeiramente, apresenta-se o conceito de rede que funciona como bússola, juntamente com a questão, guiando o caminho desta pesquisa. Em seguida, são apresentados os objetivos gerais e específicos para, em outro capítulo, serem apresentados os utensílios teóricos que auxiliaram na construção e apresentação do caminho, como já sinalizado.

4. Para construir um terreno ou Forjando um sentido de rede

Para além dos tradicionais levantamentos bibliográficos exigidos pela academia, que visam apresentar um panorama do contexto e do terreno onde a pesquisa se insere, voltar às palavras mesmas para tentar apreender seu sentido pode trazer à luz outras facetas do fenômeno em questão, auxiliando neste mesmo processo de construção. Até o presente momento, apresentei o sentido da palavra rede para outras pesquisas e áreas de conhecimento. Porém, qual é o sentido de rede que guia esta pesquisa? Considerando que sentido encaminha-se pelo caminho percorrido, busca-se, a seguir, apresentar algumas reflexões que desse percurso surgiram.

Dentre os significados que se pode encontrar para a palavra rede, os mais comuns são os que se encontram listados abaixo:

1 Aparelho de pesca feito com fio que forma malhas, mais ou menos largas, que deixam passar a água e retêm os peixes. 2 Tecido de malhas usado para apanhar aves e ainda aplicado em armadilhas para apanhar outros animais silvestres. 3 Tecido de fios metálicos pregado sobre caixilhos de portas ou janelas, a fim de evitar a entrada de insetos nas habitações. 4 Tecido fino de malha, com que as mulheres envolvem o cabelo. 5 Tecido de arame, para resguardar as vidraças. 6 Qualquer trançado de fios de qualquer material. 7 Leito balouçante, feito de malha ou de pano grosso, que se suspende pelas duas extremidades, em geral nos portais ou em árvores. 8 *ant* Entrelaçamento de fibras, de nervos, de vasos sanguíneos. 9 Conjunto de estradas, de caminhos de ferro, de canais. 10 Sistema de canos de água, esgoto ou gás de uma cidade. 11 Conjunto de cabos telefônicos ou elétricos de uma cidade. 12 Cilada, armadilha. 13 *pop* Logro, engano. 14 *Reg* (Pará) Gado manso que retém o gado malhadeiro e fugidio. 15 *Esp* Grande malha que cerca a parte posterior do gol, para reter a bola quando esta penetra nele e, assim, facilitar a confirmação do tento pelo juiz. 16 *Radiotéc*n Fontes de potencial conjugadas de modo que qualquer uma ou todas possam ser utilizadas pelas estações delas dependentes. *R. admirável*: plexo vascular, no trajeto de certas artérias. (Michaelis, 2012)

Comprova-se, por essa consulta, que de fato a palavra rede vem sendo utilizada para atribuir significado a diversas áreas da vida humana. Pode-se observar, também, que seus usos trazem alguns pontos em comum. Um primeiro deles é que a construção de uma rede parece sempre se relacionar a uma necessidade: a necessidade de circulação faz ser criada a rede ferroviária, a de se buscar alimentos faz ser construída a rede de pesca, a de descansar faz nascer a rede de balanço, assim como a de conter a bola no gol ou o gado para que este não fuja.

Um segundo ponto que merece destaque é o movimento. Rede sempre parece implicar uma ligação que gera fluxo de movimento: o sangue que circula pelo complexo

formado por veias e artérias, os trens na via férrea ou os barcos num canal. Na mesma linha do movimento, as redes parecem sempre possibilitar comunicação na medida em que não são estanques e que informações, coisas ou pessoas podem circular por elas. Rede parece se resumir, até agora, à necessidade, movimento e comunicação.

Alguns sinônimos da palavra rede podem agregar pistas ao significado que pode ser atribuído a este fenômeno. Buscando pela palavra *network* (rede/cadeia), para além dos significados citados acima, encontra-se também a palavra *interfret* como sinônimo/derivado possível. Segundo Merriam-Webster (2002), *interfret* é

The interaction between two wind currents of different velocities or directions producing a wave motion of the air often of great amplitude and frequently creating special cloud effects.¹⁸

Este derivado da palavra rede ilustra o que pode acontecer quando duas forças distintas se combinam em rede. Estas se transformam mutuamente e criam uma terceira força, distinta das duas primeiras. As redes também parecem ter esta característica de transformação, além das outras citadas anteriormente.

Procurando por *web*, também são encontrados sinônimos ou derivações interessantes, como a palavra *ñanduti*, que deriva do guarani. Destacando a fragilidade e delicadeza das ligações em rede, esta palavra quer dizer, segundo Merriam-Webster (2002), “A delicate intricately patterned lace made in Paraguay from cotton or other fine vegetable fibers.”¹⁹

A partir das consultas efetuadas, rede parece ser algo que, a partir de ligações frágeis e delicadas, busca atender determinadas necessidades através do movimento e da comunicação. Todos os significados da palavra rede, assim como este forjado neste parágrafo, são metáforas, na medida em que são interpretações possíveis do real. Nesse sentido, vale acrescentar a metáfora de rede criada por João Guimarães Rosa (1985), que agrega valor ao significado de rede que encaminha sentido à esta pesquisa.

No prefácio *Aletria e Hermenêutica*, em *Tutaméia* (Terceiras Estórias, 1985), Guimarães Rosa desenha significados pelo avesso. Guimarães olha para o que está ausente quando da elaboração de suas metáforas. Abaixo um trecho que ilustra o trabalho do autor:

O VERDADEIRO GATO. O menino explicava ao pai a morte do bichinho:

¹⁸ A interação entre duas correntes de vento de diferentes velocidades e direções produzindo um movimento de onda do ar, muitas vezes de grande amplitude e geralmente criando de efeitos especiais nas nuvens. (tradução nossa)

¹⁹ Um laço delicado e estampado feito no Paraguai a partir de algodão ou outras fibras finas de vegetais. (tradução nossa)

- “O gato saiu do gato, pai, e só ficou o corpo do gato.” (p. 36)

Ou ainda, tratando da palavra “cano”:

“(…) É um buraco, com um pouquinho de chumbo em volta.” (p. 37)

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, para Guimarães, rede é uma porção de buracos, amarrados com barbante (1985, p. 37). O autor fala do vazio costurado por fios; buracos atados por fios.

Desse modo, Guimarães Rosa chama a atenção para outro ponto importante para o conceito e criação de redes, que é a ausência de algo que motiva o transporte deste algo e a comunicação entre os elos. Este conceito de rede parece evidenciar a possibilidade de colaboração entre entes não-autossuficientes, que podem precisar de outros justificando, assim, a construção de uma rede. Trata-se, portanto, de encarar o “buraco” como possibilidade, e não como um vazio irrecuperável em si mesmo.

Transportando-se para o contexto desta pesquisa, uma rede entre serviços de atendimento à comunidade tornaria possível o contato entre diversas visões de mundo e homem que, num espaço público, poderiam contribuir para a criação de outros modos de ação, contemplando um melhor atendimento à comunidade, assim como a construção de conhecimento socialmente contextualizado e compartilhado. Nessa direção, o sentido de rede pelo qual a presente pesquisa se orienta aponta diz respeito à ausência e necessidade como forças motriz e a movimento e comunicação como meios de construção.

4.1. Dos Objetivos ou Da Intenção

A partir dos conceitos²⁰ de rede apresentados acima e do sentido²¹ de rede que se buscou forjar pelas metáforas, retoma-se a questão como bússola: *Como a construção de uma rede de atenção na prática psicológica em instituições pode se oferecer como*

²⁰ Do sânscrito *kapatī*, conceito pode significar: dois punhados cujo significado básico é agarrar. (MERRIAM-WEBSTER, 2012)

²¹ Do Gótico *haidus*, sentido pode significar caminho; semelhante a *hador*, do Inglês Arcaico, que significa brilhante ou claro; Do Confucionismo: o curso de ação moderada entre extremos no desenvolvimento das virtudes da temperança e prudência; Do Budismo: o caminho do meio: o curso de moderação entre o ascetismo e auto-indulgência. (MERRIAM-WEBSTER, 2012)

alternativa de integração para um melhor atendimento às necessidades da comunidade que a ela recorre, por ser tanto uma possibilidade para facilitar o trânsito entre pessoas e os saberes/fazer dos diversos serviços e laboratórios do IPUSP, quanto expansão de comunicação e informação nessa área, a partir de uma leitura fenomenológica existencial? Nessa medida, referir-se aos objetivos deste trabalho diz respeito a apontar o caminho intentado na direção de compreender como construir uma rede de atenção em saúde implica considerar ausência e necessidade como forças motriz e a movimento e comunicação como meios de construção, como apontado acima.

O objetivo primeiro dessa pesquisa é pensar a possibilidade de construir uma rede de atenção entre os serviços e laboratórios existentes no IPUSP. Para que isso aconteça, pretende-se cartografar o espaço onde estes se inserem, ou seja, conhecer os serviços e laboratórios a partir da narrativa dos trabalhadores e estudantes que deles fazem parte, o que corresponderia a um primeiro objetivo específico. A partir da cartografia e do que for sendo evidenciado pelas narrativas, esboçar tentativas práticas de construção dessa rede cumpriria um segundo objetivo específico.

III – *Zuhanden*²² ou Dos entes à mão

1. Da Metodologia ou Dos fios encontrados

O caminho nunca se oferece inteiro ao viajante. Ele se mostra e se constrói na medida em que é trilhado, com base no objetivo que é perseguido (CABRAL & MORATO, 2003, p.165). Esta é uma colocação pertinente ao modo de pesquisar a partir do olhar da fenomenologia existencial, que é um dos utensílios dos quais se lançou mão durante esta pesquisa – mais especificamente os escritos de Martin Heidegger que são a base, juntamente com a obra de Hannah Arendt, da analítica do sentido, elaborada por Dulce Critelli (1996).

A palavra fenomenologia deriva do grego *phainestai*, que quer dizer aquilo que se apresenta, e *legein*, que significa dizer. Fenomenologia é, nesse sentido, o dizer do que se mostra, dos fenômenos assim como se apresentam ao homem.

Foi Edmund Husserl (1859-1939), matemático e filósofo alemão, considerado pai da Fenomenologia. No início do século XX, em meio a um clima de contestação da ciência como detentora e defensora de verdades absolutas, e da tentativa da Psicologia de se constituir como ciência de fato, mesmo que se baseando nos moldes das ciências naturais, Husserl começa a expor seus questionamentos e a propor e lançar os fundamentos para um outro modo de construir conhecimento e habitar o mundo.

Tradicionalmente, na filosofia, o conhecimento era visto em duas perspectivas da relação sujeito e objeto. Uma dizia da apreensão objetiva e passiva do sentido de um objeto, ou seja, do que ele é em si; outra, partindo da representação subjetiva das emanções do objeto, construía o seu conceito²³. Em contrapartida, a fenomenologia propunha-se como uma alternativa a essa bipolarização. Como?

Um objeto fora da relação com a consciência, com o conhecimento, o ser-em-si das coisas é compreensível pela formulação de um "sujeito absoluto", para o qual o ser-

²² *Zuhanden*, do alemão, pode ser traduzido por “ser à mão” ou “útil”. Foi um termo utilizado por Heidegger em *Ser e Tempo* (1927) para se referir aos meios manejados pelos homens para agir no mundo (NUNES, 1999).

²³ Conceito aqui significa uma ideia geral ou abstrata; uma noção universal: (1): a resultante de uma operação de generalização mental: uma imagem genérica mentais abstraídas de percepções; também: um objeto diretamente intuído de pensamento (2): uma construção teórica. (MERRIAM-WEBSTER, 2012)

em-si é assim como os objetos assumem seu valor relacional para o sujeito vulgar. Trata-se de uma analogia que assume existir uma consciência superior, o sujeito absoluto, que acessa a realidade essencial das coisas, que a nós é apenas a base sobre a qual se constrói a representação subjetiva das mesmas coisas. Dessa forma, além dos níveis de realidade representada, haveria um mundo objetivo de essências que nunca acessível. Por sua vez, a fenomenologia husserliana nega essa possibilidade, dizendo que a consciência sempre se dá em função de algo, por uma intencionalidade, sendo sempre consciência de algo.

Franz Brentano, mentor de Husserl, lançou os preceitos primordiais para a proposição da fenomenologia. Para ele, essa objetividade do objeto para além da consciência era uma questão. Mas para Husserl, sujeito já pressupõe objeto e objeto já pressupõe sujeito: a relação sujeito-objeto não vem de entidades separadas que se encontram, mas sim de entidades que se engendram, ambas existindo uma em função da outra.

A isso Husserl dá o nome de fenômeno, ou seja, ser é aparecer, não é poder aparecer tal qual se é ou aparecer de maneira ilusória. Objeto é sempre experiência; suspendem-se as hipóteses da existência de um ser-em-si e um sujeito absoluto que a apreenda objetivamente. Para que o fenômeno seja compreensível, um objeto existe enquanto relacionado a uma consciência. Isso configura a suspensão fenomenológica, que refuta essa tese natural, estabelecadora de uma relação sujeito-objeto prévia. Em vez de discutir as propriedades da coisa-em-si, propõe-se um retorno às coisas mesmas, ou seja, aos objetos tais quais se dão à consciência.

Para compreender as aproximações entre Husserl e a Psicologia é preciso remontar aos seus questionamentos a Descartes. Descartes se desvencilha das legitimações apriorísticas para alcançar legitimações racionais, partindo do método da dúvida até a certeza fundamental da existência e do pensamento, independente da validade de seu conteúdo. Husserl questiona o que é o sujeito cartesiano; se entendido com um eu empírico, existente dentro de um mundo, é um contrassenso, pois assume a existência do mesmo mundo que suspende. Husserl chama esse sujeito de sujeito transcendental, um sujeito que não é intramundano, empírico e psicológico. Não se pode falar de nada anterior ao sujeito transcendental, pois ele é a condição de conhecimento.

Nesse sentido, suas críticas à Psicologia são voltadas à abordagem natural por ela empregada, ou seja, à busca de uma compreensão do sujeito empírico e intramundano, em uma relação de determinação do sujeito por causa e efeito, não investigando o sentido, o sujeito transcendental. Nas faculdades humanas não há uma relação determinista causal,

com leis de obrigatoriedade de resultados, mas sim um nexos relacional de sentido. Segundo Dartigues (2005),

Para Husserl, a tarefa da Fenomenologia seria analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo; trata-se de distender o tecido da consciência e do mundo para fazer aparecer os seus fios. (p.26)

Martin Heidegger (1889-1976), discípulo de Husserl, executa um salto do trabalho de seu antecessor e o termo “fenomenologia existencial” passa a contemplar sua obra. Filósofo alemão nascido em 1927, Heidegger acreditava não existir homem sem mundo nem mundo sem homem. O mundo depende do homem para existir, pois é este quem atribui sentido a ele; o homem, por sua vez, depende das solicitações do mundo para exercer seu poder-ser homem. Assim, o mostrar-se dos fenômenos, a “fenomenologia”, é condicionado e condiciona a existência do homem; nesse sentido, essa perspectiva é fenomenologia existencial.

Segundo Cabral e Morato (2003), a fenomenologia existencial

(...) corresponde a uma visão de mundo específica, baseando-se na interpretação de que ser é condição ontológica do homem, não podendo ser substantivado, entificado. Ser pode ser referido enquanto expressão verbal, sendo conjugado de modo singular a partir da existência de cada homem. (p.158)

A partir desta compreensão de mundo, entende-se que o ser manifesta-se nos entes, compreendidos aqui como demais habitantes do mundo, animados ou inanimados, nunca podendo ser apreendido através de uma metodologia que extraia deles, racionalmente, substancialidade. Nesse contexto, apreende-se o que discrimina o homem dos demais entes, pois sem o homem o ser não teria a quem se mostrar: o homem passa a ser o lugar, o *aí*, a abertura para a exibição do ser, fazendo do homem o *ser-aí (dasein)* ou ser-no-mundo. Surgindo no seio de uma trama de relações significativas, que se constitui no próprio mundo, mundo esse habitado por homens. Assim, ser-no-mundo e outros homens compõem co-originariamente o ser homem: *ser-no-mundo-com-outros*. Este é o sentido de *dasein* atribuído por Heidegger. É por esse modo de ser que o homem cuida de ser cuidando dos entes que lhe fazem parte, quer sejam algo, outros ou si mesmo: humano se constitui em rede?

Para Heidegger, o homem é cuidado, na medida em que é responsável por cuidar de ser essa abertura onde o mundo se mostra e se dá. Mais do que isso: o homem cuida de dar sentido ao que a ele se mostra.

A compreensão de homem em sua condição ontológica de coexistência o coloca como fabricante do sentido mesmo de ser. O homem é abertura ao ser e, para ele, ser é um problema. Desta forma, o sentido não é dado, fornecido. Ainda que, ao nascer, o homem seja “enredado”, no sentido de ser jogado em uma trama já configurada, em um cenário específico, cabe a ele dar um norte, uma destinação à sua existência. Dar um norte à existência é um empreendimento. O homem deve responder à tarefa existencial de imprimir um sentido à sua vida. Fugir ou mesmo aceitar tudo o que já está posto como imposição de um destino, entendido com caráter de fatalismo, serão escolhas possíveis. (CABRAL & MORATO, 2003, p. 159)

Vemos que, a partir desta concepção, o homem é responsável por sua própria existência e é livre para atribuir sentido a ela. A liberdade aqui pode parecer paradoxal, uma vez que só o homem pode cuidar de dar sentido para sua própria existência e é, de certa forma, obrigado a fazer isso por si. A não-escolha já se trata de uma escolha por um caminho. Nesse sentido, o homem está sempre se projetando; o homem é sempre um ir-sendo e um vir-a-ser.

O mundo interpela o homem o tempo todo, exigindo dele escolhas e posicionamentos. O homem é afetado pelo mundo, no sentido em que este o humora. O humor (*Stimmung*) é entendido por Heidegger como uma compreensão pré-reflexiva do fenômeno que a ele se mostra (ALMEIDA, 2005). A partir disto, o homem interpreta – novamente no sentido de atribuir significados à afetação – e devolve ao interlocutor o que pôde refletir. Nesse movimento o homem compreende e se relaciona com o mundo, sendo inexoravelmente afetado por ele.

Homem e mundo, segundo Heidegger, são em conjunto e, na vida cotidiana, o mundo acaba por impregnar o homem de seu conteúdo. Isso constitui o que se costuma chamar de *queda*, que trata do absorvimento do homem pelo mundo, uma inclinação da vida fáctica²⁴ (NUNES, 1999). Segundo esse autor (1999, p.63), “(...) essa decadência, essa queda, no sentido em que fala Heidegger, não deve ser compreendida como um acontecimento objetivo, uma coisa que se passa simplesmente na vida, mas como uma modalidade intencional da mesma.”

Desse modo, é próprio do homem perder-se de si na vida cotidiana, em meio aos costumes e atividades do dia-a-dia. Essa imersão no mundo é chamada de impropriedade, ao passo que, a partir de seu poder-ser, chama-se propriedade quando o homem recupera-se a si mesmo atribuindo sentido a sua vida. Segundo Heidegger, o homem é capaz de sair dessa imersão (NUNES, 1999) e a angústia, encarada por ele como um “sentimento

²⁴ Facticidade se refere ao aspecto da existência humana que é definido pelas situações em que nos encontramos e das quais não temos nenhum controle.

descobridor”, é o motor desse movimento. “O sentimento, o *Stimmung* da Angústia, é descobridor. É a Angústia que cinde a vida cotidiana, colocando o *Dasein*, sem remissão, diante de seu próprio ser-no-mundo. Nós nos angustiamos com a morte da qual o *Dasein* foge.” (NUNES, 1999, p.65)

Fugindo da morte é que o homem se mistura ao mundo e, angustiado, busca dar sentido à sua existência. A angústia, embora seja uma emoção originariamente perturbadora, é o que impulsiona o homem a recuperar o cuidado consigo mesmo, no sentido de buscar encaminhamentos para o seu poder-ser. É normalmente nesses momentos de angústia que os clientes vêm em busca de ajuda nos serviços de atenção psicológica.

A partir de um movimento de reflexão acerca do que vem afetando sua existência é que o homem pode se recuperar e prosseguir em sua caminhada. Interrogando o fenômeno quando da angústia, ou do que dela decorre, é o que possibilita ao homem lançar-se para outras possibilidades. Heidegger vai chamar a este movimento de meditação²⁵ (*Besinnung*), como sendo o próprio método fenomenológico para construção de conhecimento.

Baseando-se nos escritos de Heidegger e de sua discípula Arendt, Dulce Critelli (2002) elabora a analítica do sentido, que é uma articulação metodológica possível ao se optar por uma atitude fenomenológica em pesquisa. Implica fazer e refletir em ação, criando sentido.

Segundo Critelli²⁶ (2002, apud CABRAL & MORATO, 2003), algumas especificidades fazem parte da atitude do pesquisador que opta por este caminho. Em sendo mundo com outros, é impossível pensar a neutralidade e esterilidade aparentemente necessárias para pesquisa. O pesquisador, a partir dessa perspectiva, nunca é neutro em campo e isto deve sempre ser considerado, pois é a partir da própria afetação que o trabalho será construído. Nesse sentido, o pesquisador é sempre um co-participante.

Ainda referindo-se ao ser no mundo, o problema de pesquisa, assim como o seu caminhar, envolverão mais entes, geralmente sendo outros homens no caso das ciências humanas. Se ser humano é co-existir, a pesquisa também ocorrerá como co-existência: uma co-construção, pois o outro também é autor, de certa forma, do trabalho de pesquisa.

²⁵ Meditação é aqui entendida como uma escuta reflexiva e atenta àquilo que possibilita o pensamento, um momento em que se reflete essencialmente sobre seu próprio ponto de vista. (EVANGELISTA, 2012)

²⁶ Anotações do Seminário “O método fenomenológico como investigação: a Analítica do Sentido”, ministrado por Dulce Critelli em abril de 2002, na Universidade Católica de Pernambuco, Recife – PE.

Nesse sentido, são interlocutores e é importante que suas percepções possam ser expressadas durante o processo (CABRAL & MORATO, 2003).

Critelli (2002) sinaliza a importância de se manter registros das impressões e sensações do pesquisador durante o trabalho; é também a partir da análise desses registros que ocorre a construção da pesquisa. Durante essa análise é importante observar os conflitos, paradoxos e incongruências, pois é através deles que a trama ou contexto se revelam. Para ela, o sentido pode se mostrar através de qualquer coisa e, por conta disso, é necessário manter registros e estar atento ao que aparece e como se apresenta. Por este sentido revelado, outras destinações podem ser apontadas, o que implica uma impossibilidade de construção de um método fechado, composto de procedimentos que devem necessariamente ser seguidos, assim como a previsão dos resultados. O fenômeno pode se mostrar de maneiras inesperadas, imprimindo novos contornos à pesquisa.

Através dessa articulação metodológica, considera-se imprescindível manter registros ao longo da pesquisa. Registros, gravações, diários de bordo ou simples anotações fazem parte do corpo construído no processo e que será transmitido ou devolvido ao público. Nesse sentido, pode-se assemelhar o trabalho do pesquisador ao trabalho de um narrador, que vai relatar aos seus interlocutores aquilo que pôde construir ao longo do desenrolar de seu trabalho. Os demais participantes da pesquisa, os co-autores, também são narradores, uma vez que suas percepções podem e devem ser transmitidas. Considerar a confecção de uma pesquisa como a experiência de um narrador junto a outros narradores conduz ao segundo utensílio do qual se lançou mão nesta pesquisa: os escritos de Walter Benjamin acerca da narrativa.

Walter Benjamin (1892-1940) foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo alemão. Em seu texto “O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1985), ele tece argumentos que articulam narrativa e experiência através da análise da figura do narrador. Estes argumentos serão úteis a esta dissertação no que toca tanto o modo de trabalhar em campo quanto à apresentação do percurso que se dará no próximo capítulo.

Benjamin inicia este ensaio alertando para a extinção do campo onde se desenvolve a narrativa. Para ele, a narrativa está em vias de extinção devido à perda da faculdade de intercambiar experiências, o que teria se iniciado no período pós Primeira Guerra Mundial: os soldados voltavam mudos do campo de batalha, menos enriquecidos de experiência comunicável. Para Benjamin, a narrativa se relaciona diretamente à experiência, na medida em que esta confere o conteúdo a ser narrado, ao mesmo tempo

em que o aniquilamento da arte de narrar relaciona-se ao advento da imprensa, do romance como gênero literário e da depuração da morte.

A imprensa influenciaria no desaparecimento da narrativa na medida em que passa a maior quantidade de informações em um curto espaço de tempo, páginas ou palavras. O que se quer comunicar não é a experiência de alguém em determinada situação e sim fatos, de maneira neutra e impessoal. Segundo Benjamin (1985), a narrativa mergulha a coisa a ser narrada na vida do narrador para depois retirá-la. Nesse sentido, não existiria a possibilidade de narrar algo sem se estar implicado de alguma forma na história contada. No mundo contemporâneo, era da informação, narrar tem cada vez mais se tornado algo obsoleto e indesejado.

A ascensão do romance como gênero literário mais difundido também faz, aos poucos, a narrativa se tornar arcaica. Segundo Benjamin (1985), a narrativa sempre nasce da experiência de quem conta e que pode tocar quem ouve; o narrador colhe experiências ao longo de sua vida para então narrar, o que torna mais fácil quem o ouve reconhecer-se no que está sendo narrado. Para Benjamin, o romance nasce de um escritor isolado, não necessariamente em consonância com a experiência de quem o lê. Segundo ele, o que seduz o leitor desse gênero literário é a esperança de aquecer sua vida gelada pela ilusão que é construída no romance (BENJAMIN, 1985). O “e viveram felizes para sempre” é o que parece fascinar o leitor. Uma experiência não necessariamente tem um final feliz, ou até mesmo um final. Para Benjamin, a narrativa convida o ouvinte a refletir a partir de seus próprios conceitos e nunca é algo fechado; já o romance sempre termina com a palavra “fim”, trazendo consigo a ilusão de que as coisas podem sempre ter um fechamento como produto final, o que de fato nem sempre acontece. Os ouvintes/leitores da atualidade parecem preferir a ilusão à realidade, na perspectiva desse autor.

Benjamin nomeia “depuração da morte” o fato de que atualmente ela acontece de maneira escondida, trancafiada em hospitais. Antes, os homens faleciam em suas casas, assim como também lá eram velados, em meio as suas famílias e objetos. Atualmente, quando próximo da morte, o homem é depositado por sua família em hospitais ou sanatórios (BENJAMIN, 1985). Seria um modo de querer iludir os homens de que a morte não acontece, uma vez que poucos espaços são marcados por ela. Para Benjamin (1985), é exatamente no momento da morte que a experiência a ser transmitida ganha maior expressão:

Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela

primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso –, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos ao seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade. (p.207-208)

Se a morte agora está sendo tratada como algo a ser expurgado, o mesmo acontece com o que de importante o moribundo teria a transmitir e deixar como legado ao mundo e aos que lhe são próximos. Essa seria, para Benjamin, outra razão para a narrativa estar tão em baixa em nossos tempos.

Até agora, foram apresentadas as razões para o declínio da narrativa, assim como foram pinceladas algumas de suas características e da figura do narrador. Já se sabe que o narrador não é uma figura neutra, pois narra a partir de sua própria experiência com os outros e as coisas. Nesse sentido, compreende-se que narrar é intercambiar experiências com interlocutores, o que se assemelha ao que Heidegger pensa do homem no mundo com outros, que a ele afeta e por ele é interpelado e afetado. A narrativa teria essa função de marcar e transmitir algo de importante ao ouvinte ou leitor.

A partir da figura do escritor Nikolai Leskov nesse ensaio, Benjamin ainda vai descrever as origens do reino narrativo, assim como tecer as principais características da narrativa e do narrador. Ele diferencia dois tipos de narrador, que seriam os extremos opostos do reino narrativo. O primeiro deles é simbolizado pelo *marinheiro viajante*, que é o narrador que vem de longe e que traz em sua bagagem as histórias dos lugares por onde passou. O outro é o *mestre sedentário*, que domina a história do lugar onde viveu por toda a sua vida. Segundo Benjamin, estes seriam os tipos arcaicos de narradores que se interpenetram das mais variadas formas constituindo vários outros subgrupos (1985). O trecho abaixo elucida o modo como ocorre esta interpenetração:

O sistema corporativo contribuiu especialmente para essa interpenetração. O mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina; cada mestre tinha sido um aprendiz ambulante antes de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro. Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres na arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário. (BENJAMIN, 1985 p.199)

Pelo trecho acima, narrar é realmente intercambiar experiências que, amalgamadas, possibilitam a tessitura de conhecimento compartilhado. Para Benjamin, a

narrativa também seria uma forma artesanal de comunicação e não à toa teria se desenvolvido em oficinas de artesanato.

Assim como os utensílios produzidos pelos artesãos, a narrativa seria sempre elaborada visando ser útil ao interlocutor. Nesse sentido, uma das características principais de tal artesanato seria essa vocação prática. Sua função seria, em certa medida, a de aconselhar. O ato de dar um conselho através de uma sugestão prática, de um provérbio ou de uma norma de vida, é visto por Benjamin não como a resposta direta a uma pergunta, mas sim uma sugestão de como uma história pode ser continuada. A partir do que ouve, o narrador seleciona em sua experiência algo que possa fazer sentido e ser útil ao seu interlocutor. O interlocutor, a partir do que o narrador apresenta, pode ou não alterar o curso de seu caminho, e o faz da maneira como lhe for conveniente. Depende da interpretação do outro a continuação de sua história a partir do que lhe foi dito.

Uma característica da forma como o narrador narra parece, aos olhos de Benjamin, facilitar a apropriação do conteúdo narrado por parte do ouvinte. Para que a experiência seja transmitida, o narrador deve saber narrar os fatos como estes ocorrem, sem fazer juízos e sem dar maiores explicações, no sentido de buscar verdades inequívocas. O bom narrador, segundo Benjamin, é aquele que deixa a tarefa da interpretação para o interlocutor:

O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1985, p.203)

Nesse sentido, o aprendizado que se pode tirar de uma narrativa vem quase que por acaso, dependendo da abertura do ouvinte para se deixar marcar pela experiência transmitida e, novamente, da forma como ele a interpreta. A interpretação de uma narrativa seria, para Benjamin (1985), uma *exegese*, termo utilizado para se referir à interpretação de textos sagrados da Bíblia para deles retirar ensinamentos que sirvam a situações do tempo presente. O narrador interpreta para contar, o ouvinte interpreta para entender; o mundo se constrói, entre homens, a partir de narrativas, num jogo de interpretações.

A narrativa pode ser considerada como o modo de se apresentar uma experiência, ou seja, algo que foi vivido e através do qual é possível sua elaboração. Contudo, ao mesmo tempo, trata-se também do próprio desenrolar da experiência, na medida em que, narrando, ela é elaborada. Desse modo, a narrativa assume-se como condição para formas

de comunicação. Pode-se dizer que entre Benjamin e Heidegger, apesar de ocuparem lugares quase que diametralmente opostos à época de suas produções²⁷, há uma aproximação quanto a considerações referentes à transmissão e construção de conhecimento: ambos apontam que o conhecimento é construído no intercâmbio de experiências entre homens. Aproximam-se, ainda, por considerarem que o que é transmitido nunca é abarcado pelo interlocutor (CAYGILL, 1997); o narrador narra a partir de como foi afetado pela experiência, assim como quem ouve o faz a partir de como o conteúdo narrado o afeta. Mundo e homem se constroem *pela e na* narrativa.

Por tais encaminhamentos considerados, Heidegger e Benjamin compõem os utensílios dos quais se lançou mão na condução dessa pesquisa. Heidegger diz da atitude do pesquisador em campo, disponível e aberto para ser afetado pelo que a ele se mostrar para, a partir disso, construir seu percurso. O caminho construído, por sua vez, não pode ser previsto; somente se revela pelos passos dados. Nesse sentido, o caminho dessa pesquisa acompanha o que se mostrou possível, com retornos, paradas, construções e desconstruções. Benjamin diz do modo como o conteúdo da pesquisa será construído: a partir da narrativa de quem trabalha nos serviços e laboratórios do CEIP/USP é que será construída a narrativa que é esta dissertação de mestrado. Um espaço onde docentes, técnicos e alunos podem narrar sua experiência de trabalho se oferece como espaço para cuidar de quem cuida, permitindo que as dificuldades e problemas da vida diária possam ser narrados e elaborados. Este espaço pode, igualmente, trazer pistas de como uma rede de atenção pode – ou não – ser construída.

2 – Para amarrar fios ou Pela crônica

Os escritos de Walter Benjamin servem a esta dissertação tanto para a composição de seu conteúdo quanto para a forma como o percurso de trabalho será apresentado. Isto porque, ainda no texto a respeito de Nikolai Leskov, Benjamin (1985) destaca um gênero literário que mais representa hoje em dia o espírito promotor de experiências das narrativas. Este gênero seria, em sua opinião, a crônica.

²⁷ À época da 2ª. Guerra Mundial, Martin Heidegger filiou-se ao Partido Nazista alemão, ao passo que Walter Benjamin era judeu acabou cometendo suicídio por temer ser entregue à Gestapo durante uma tentativa de fuga.

A crônica é uma modalidade do gênero épico, cuja função é narrar eventos cotidianos com a maior exatidão possível; os cronistas procuram narrar histórias do dia-a-dia da maneira mais próxima à realidade, sendo quase uma descrição. Para Benjamin, pelo espírito da crônica o narrador se conservou e sobreviveu ao longo dos tempos.

Se a crônica somente narra os fatos, a exegese fica, novamente, nas mãos do leitor. Ela conserva também o caráter de derivar da experiência no coletivo. Seus personagens são comuns; seus heróis são pessoas do povo, não têm nada de especial ou incomum. As histórias são corriqueiras, das quais é possível retirar ensinamentos por não se apresentarem com explicações explícitas.

É por esse modo de comunicação que este trabalho se apresenta no próximo capítulo: contará a experiência da pesquisadora em campo, em seu cotidiano. Será descrito, com o esforço de manter a maior exatidão possível para dar a ver como foi a vida cotidiana da construção desta rede. Não se objetiva, ao final, que o leitor apreenda que esta é a única maneira, ou a mais correta, de se construir redes. O objetivo é que, a partir da leitura desta crônica cotidiana, o leitor possa retirar para si algum ensinamento, algo que encaminhe sentido à sua própria vida ou seu fazer.

A exegese do percurso aparecerá, muitas vezes, misturada a ele, uma vez que seria impossível dissociar as interpretações feitas durante a pesquisa de seu próprio conteúdo. Porém, reserva-se o espaço do capítulo de conclusão para que ela seja especialmente explorada e elaborada.

IV – De um percurso de trabalho ou Da crônica interpretada da vida cotidiana

Apresentei, nos capítulos anteriores, o meu percurso pessoal até chegar à questão de pesquisa, seus objetivos, outros pontos de vista a respeito do mesmo tema e os utensílios teóricos que me ajudaram a trilhar este caminho. De posse de todos os instrumentos, creio ser necessário, agora, descrever o percurso dessa pesquisa tal qual um narrador, um misto de viajante e sedentário, além de ser porta-voz de um grupo – o “grupo da Rede²⁸”. Narrador viajante, pois visitamos muitas terras distantes em termos de linhas teóricas e prática diária; sedentário por estarmos dentro de nosso próprio território, o IPUSP. Digo que sou porta-voz, pois toda a construção da rede foi feita em grupo, e este trabalha de uma maneira muito particular, que pretendo detalhar melhor ao longo deste capítulo. Portanto, a narrativa será majoritariamente em primeira pessoa, alternando-se entre singular e plural.

A questão brotou de uma inquietação minha, anunciada na apresentação desta dissertação. Porém, pouco trabalhei sozinha. No final do segundo semestre de 2007, alguns meses após a fundação do APP, um colega²⁹ de turma tão curioso quanto eu, aceitou participar do começo dessa jornada, porém com menos aplicação e interesse do que eu. Afinal, a angústia era minha. Conhecemos, a princípio, serviços existentes fora do IPUSP e da USP como um todo. Interessei-me particularmente por conhecer outras clínicas-escola, já me perguntando, mesmo ainda não identificando uma questão de trabalho, se haveria outros possíveis modos de organização.

Conheci clínicas que me pareciam exemplares em interligações; funcionavam tal qual os órgãos de um corpo humano, com muitas veias e artérias fazendo com que a circulação de clientes e informação fosse ágil. Obviamente, se conversarmos com quem é narrador sedentário destas clínicas-escola, eles apontarão diversos impasses e problemas; porém, aos meus olhos de recém-formada, pareciam mundos maravilhosos e distantes da realidade em que eu vivia.

Passei a me perguntar: será que algo que se assemelhe a isso seria passível de ser construído entre os serviços do IPUSP? Será que já existe alguma interligação entre serviços/laboratórios? As perguntas me pareciam bastante plausíveis, uma vez que o

²⁸ A palavra “rede” será grafada com letra maiúscula, como nome próprio, quando fizer referência à equipe que cuida da construção da rede ou ao seu trabalho – o “grupo da Rede”, como somos chamados.

²⁹ Paulo Szyszko Pita, graduado em Psicologia pelo IPUSP em 2008.

LEFE tinha acabado de fundar um serviço de atendimento em plantão dentro do IPUSP; todos os serviços de plantão anteriores sempre correram em instituições outras, nunca “dentro da própria casa”.

Durante estas conversas nas clínicas-escola, discutíamos a possibilidade de estabelecermos algum tipo de parceria para encaminhamento de clientes e troca de ideias a respeito do que surgisse e fosse interessante compartilhar. Muitas vezes nos perguntaram sobre os serviços disponíveis no IPUSP e eu me sentia um tanto constrangida de não ter informações concretas para dar. Senti-me envergonhada como naquele plantão com o motorista do coronel a que me referi na apresentação. Percebi que precisava de mais informações para poder conversar a respeito de parcerias e reavivei a percepção de que eu pouco sabia da minha própria casa.

Somou-se a isso a necessidade que o recém-nascido APP tinha por encaminhamentos diversos, bem como as necessidades dos outros plantões conduzidos pelo LEFE. Em uma conversa com a Professora Henriette, minha questão acabou tomando corpo e, juntas, pensamos que cartografar os serviços e laboratórios do CEIP/USP poderia colocar-me na trilha de algumas respostas para os meus questionamentos.

Assim nasceu a ideia de transformar a minha inquietação num projeto de pesquisa e, como o CEIP/USP possuía uma quantidade relativamente grande de laboratórios e serviços – pelo menos assim imaginávamos e acertamos –, pensamos que seria interessante ter um grupo de alunos trabalhando em conjunto. Eu já era formada, poderia supervisionar o trabalho. Além disso, se penso rede como possibilidade de articulação através da comunicação entre pessoas e se penso o homem como lançado no mundo em meio a outros homens e as coisas em coexistência, este trabalho não poderia, de maneira nenhuma, acontecer de maneira solitária. Nasce, no segundo semestre do ano de 2008, o “projeto da Rede”, contando com quatro alunos de graduação, um psicólogo formado e aluno de especialização³⁰, uma psicóloga formada – com quem eu dividia a supervisão – e eu, psicóloga formada e também aluna do mesmo curso de especialização.

Durante os primeiros encontros, nós nos pusemos a ler e discutir alguns textos de introdução à fenomenologia existencial, uma vez que nem todos os alunos já haviam estudado algo nessa perspectiva. Foi um período em que também fomos nos conhecendo, assim como nos adaptando em nossas posições no grupo; eu nunca havia supervisionado

³⁰ Curso de especialização em Prática Psicológica em Instituições, ministrado pelo LEFE.

um grupo de pesquisa e, então, tudo era bastante novo para mim. Este período inicial foi essencial para que nós fôssemos, aos poucos, nos afinando como equipe de trabalho.

Fomos discutindo, além de teoria, como imaginávamos que este trabalho, de construir uma rede entre os serviços do CEIP, poderia ocorrer. Pensamos diversos modos de abordagem aos docentes e funcionários que fazem parte dos serviços e laboratórios e construímos, juntos, as três perguntas norteadoras para as entrevistas. São elas: “*Como você compreende a estrutura de funcionamento do seu serviço de atendimento?*”, “*Como é sua experiência neste trabalho?*” e “*Como seria para você ser o contato entre seu trabalho neste serviço e uma Rede de Apoio Social para a clientela?*”.

Baseando-nos numa publicação³¹ solicitada pela então diretora do IPUSP, Profa. Dra. Maria Helena Souza Patto, e acrescentando os serviços e laboratórios que conhecíamos, fizemos uma primeira divisão de quem procuraria determinado professor ou técnico para agendar uma conversa. Trabalhamos em duplas sempre que possível, uma vez que é importante ter a quem se referir e em quem confiar quando em campo. Assim, começamos a encontrar docentes e técnicos para conhecer, através de suas narrativas, seu lugar e fazer de ofício.

Ao mesmo tempo em que nos movimentávamos para fora e para frente, na medida em que as entrevistas aconteciam, lançávamos alguns fios para o passado para trançá-lo ao presente da história do projeto. Em algumas discussões a respeito do sentido da construção de tal rede, indagávamos: havia mesmo demanda por isso ou seria somente uma impressão que, embora compartilhada por todos os membros do grupo, não ecoava nos demais espaços do LEFE e do IPUSP? Ouvíamos dos supervisores dos plantões do LEFE que fazia sentido tal construção, uma vez que eles podiam observar demandas outras surgindo dos atendimentos em plantão. Porém estas eram apenas “conversas de corredor”.

Interessou a um aluno, em especial, esta discussão e, debruçando-se sob este tema, construiu sua iniciação científica. Intitulada “*Cartografia de demandas na atenção psicológica a usuários para construção de rede de apoio social no IPUSP*”, a pesquisa do aluno de graduação em Psicologia Juliano Watanabe abriu possibilidade para que, além de se investigar se de fato havia demanda pela construção de uma rede, fosse possível questionar se tais demandas poderiam encontrar acolhida no CEIP. Deste modo, os objetivos dessa pesquisa referiam-se a: - conhecer o funcionamento dos projetos do LEFE

³¹ Tratava-se de um Jornal do IPUSP onde estavam listados alguns dos laboratórios e serviços existentes até a data da publicação.

como trabalho fundamental para delinear abrangências e limites buscando investigar as demandas; - investigar como se relacionam trabalhos e serviços do CEIP/USP com as demandas sociais de atendimento, podendo gerar reflexões sobre uma possível Rede de Apoio Social Interna (WATANABE, 2009).

Participando das supervisões dos projetos de atendimento em plantão psicológico, conduzidos pelo LEFE, e da cartografia dos serviços e laboratórios do CEIP/USP, Watanabe buscou investigar a pertinência de construção de uma rede. O aluno aponta semelhanças entre as instituições onde o LEFE conduz plantões e os serviços e laboratórios do CEIP/USP:

Encontramos, dentro de cada projeto coordenado pelo LEFE, instituições que funcionam de maneiras bastante singulares, rígidas institucionalmente, muitas vezes criando, elas próprias, demandas de atendimento, limitando suas possibilidades na busca do bem social efetivo e fechadas em si mesmas. Essas construções, pelas observações realizadas no Instituto de Psicologia, podem se estender aos serviços existentes no IP. Cada laboratório se apresenta com uma dinâmica de funcionamento tão própria e fechada em si mesma que se assemelham a pequenas instituições totais, quando deveriam fazer parte de um todo, como subdivisões de uma grande rede de serviços de atendimento social. (WATANABE, 2009, p.22)

Watanabe (2009) aponta ainda que a construção de um rede entre estas “ilhas” faz sentido quando se busca um atendimento mais efetivo e coerente à comunidade:

Uma Rede de Apoio Social representaria, mais do que uma simples formulação concreta de comunicação entre serviços os mais diversos, um lugar comum, um sentido compartilhado por todos, que relembre a todos e a cada instante a função primordial e o sentido de existência de cada nó em sua singularidade: primar pelo cuidado da sociedade, responsabilizar-se pelo mundo, no sentido que Arendt dá a essa responsabilização. Diz Arendt (2007, p. 232) sobre a educação: *“Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação”*. Poderíamos dizer, parafraseando-a: qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria estar em instituições públicas, e é preciso proibi-la de tomar parte desse meio de cuidado. (p.22)

Este movimento, reflexivo, na medida em que paramos para repensar a pertinência da pesquisa, ao mesmo tempo em que afirmativo, já que estávamos em campo realizando entrevistas, é característico do método fenomenológico. Enquanto caminhávamos construindo, parávamos para refletir, no sentido de meditação para Heidegger a respeito do sentido do caminho que estava sendo construído.

Tal ritmo será a passada de todo o trabalho que, para a lógica capitalista de produção, não fará sentido, uma vez que toma tempo construir e refletir quase que a cada

passo dado. Nessa direção, o fazer da construção desta rede se aproxima mais ao trabalho do artesão, que tece e entrelaça fio a fio no tempo da peça a ser construída.

Vale ressaltar que o processo reflexivo aqui mencionado vem marcado pelas bases teóricas estudadas pelos membros do grupo dentro do LEFE. A teoria é amarrada à nossa experiência de alunos a partir de uma imersão em espaços onde a prática ocorre, como os plantões e supervisões, compreendendo-a pela ótica da fenomenologia existencial. Ainda contribuem para essas marcas, os espaços teóricos frequentados também, que são predominantemente disciplinas de graduação, pós-graduação, grupo de discussão de pesquisas, além de demais cursos, colóquios e simpósios ministrados pelo LEFE.

Voltando nossos olhos novamente para o percurso e, nesse sentido, retomando a narrativa, entrevistar professores e técnicos não foi tarefa simples. Foram necessários três anos para finalizar esse processo com os vinte e seis (26) serviços/laboratórios existentes.

Quanto aos encontros, eles aconteciam, no mínimo, em três momentos diferentes. Um primeiro momento era o da entrevista, quando discutíamos com os interlocutores a partir das três perguntas norteadoras citadas. O segundo era quando entregávamos a transcrição da entrevista ao entrevistado para que ele(a) pudesse ver se havia algo que gostaria que fosse ocultado ou reescrito. O último encontro era na forma de uma devolutiva de fato, quando a transcrição finalizada era entregue e firmávamos – ou não – a parceria através da assinatura de um termo de cooperação (Anexo B). Combinávamos, ainda neste último encontro, como aconteceria o contato caso fosse necessário fazer algum encaminhamento. Todas as observações, discussões e dúvidas eram construídas e apresentadas durante as supervisões semanais do grupo.

Reservar três momentos diferentes na agenda de docentes do IPUSP, combinando com os horários das duplas, foi um xadrez complicado de se fazer. Por muitas vezes o grupo se desmotivou, buscando fugir para qualquer outra tarefa, quer esta fizesse parte ou não do trabalho da pesquisa. Organizar materiais de entrevistas já finalizadas e trabalhos de disciplinas da graduação que precisavam de atenção eram muitas vezes utilizados como meios de não comparecer às reuniões ou de desviar, ao menos, seu foco. Porém, sempre que, refletindo, nos percebíamos nesse movimento, buscávamos construir um retorno e dar prosseguimento ao trabalho.

Durante o segundo semestre de 2008 e primeiro do ano de 2009, o grupo permaneceu o mesmo, sem nenhum novo participante ou saída de algum. Isso também é uma característica marcante da equipe da Rede: somos um grupo constante. Houve uma renovação dos fiadores entre o segundo semestre de 2009 e o meio do ano de 2010.

Depois disso, somente saíram os que terminaram a graduação em Psicologia – e, mesmo assim, não todos – e novos alunos, de graduação e de pós-graduação, passaram a fazer parte do grupo.

A equipe da Rede foi adquirindo outras responsabilidades para além de fiar e entrelaçar. Nós passamos a ser responsáveis por cuidar dos encaminhamentos que partiam dos projetos do LEFE para serviços dentro e fora do CEIP/USP. Numa de nossas discussões em supervisão, percebemos que era importante manter contato com a demanda que chegava ao LEFE para podermos priorizar os contatos que fossem mais importantes no momento. O caminho se constrói conforme o próprio caminhar e o caminhar ditava o ritmo e as direções do nosso caminho.

De início, tínhamos nossa reunião e supervisão em dia e horário diferentes do APP, que passou a ser a porta de entrada principal de clientes ao LEFE. Eu e alguns outros fiadores, esporadicamente, participávamos do APP e ficávamos encarregados de levar para a reunião da Rede algum encaminhamento que tivéssemos que pensar ou algo que fosse interessante discutir.

Todo fiador sempre teve total liberdade para levantar temas de discussão, assim como possibilidades de parceria. A equipe da Rede trabalha em rede, sem que haja uma estrutura piramidal, em que pese a autoridade de quem está acima na hierarquia. Experimentamos outros modos de trabalhar junto ao APP, que serão narrados conforme se apresentarem na história desta pesquisa.

Foi uma revelação quando percebemos que os entrevistados do CEIP compartilhavam de nossa ideia de necessidade de construção de uma rede. Abaixo, alguns trechos de entrevistas³² que refletem este fato:

Eu acho bastante interessante por que às vezes a gente precisa de algum atendimento específico (...) Como eu falei, como o meu [laboratório] tem um objetivo, que é olhar mais para o casal e para família, então os atendimentos individuais nós não vamos fazer. Então, se de repente, tiver outro laboratório que a intenção é mais essa, sem dúvida eu acho rico isso, e acho que seria um trabalho de entrosar esses laboratórios que fazem muita coisa e muita gente não sabe... (Entrevista A – anexo A)

Ou ainda:

³² A fonte diferente indica entrevistados diferentes. As entrevistas na íntegra estarão disponibilizadas em CD-ROM.

O que falta no Brasil é justamente rede de apoio. Nos Estados Unidos, o cara com câncer já entra numa rede. O HU [Hospital Universitário da Universidade de São Paulo] está dando a maior força para esse tipo de coisa, porque é assim que deve funcionar mesmo, não é? Não adianta fazer nada isolado, embora no interior seja mais fácil porque é pequenininho, todo mundo conhece todo mundo. Aqui em São Paulo é a maior dificuldade, ninguém fala com ninguém, ninguém se conhece... (Entrevista B – Anexo A)

Entrevistas como essas duas faziam com que caminhássemos mais certos de que de fato havia demanda pelo e para o nosso trabalho. Outras, porém, além de nos apontarem que a construção de uma rede seria importante para os serviços do CEIP/USP, davam pistas dos cuidados que deveriam ser tomados – ou dos impasses – para que esta rede pudesse de fato funcionar. O referencial teórico foi uma preocupação apontada:

Essa rede é super bem-vinda, a questão é que dentro da Psicologia a gente tem diferentes abordagens. Então, por exemplo, se eu estou convicta que a análise do comportamento tem uma abordagem importante para o autismo e para a orientação de pais, seria muito difícil encaminhar para um trabalho psicanalítico. Por outro lado, seria importante uma integração entre laboratórios de orientação compatível. Então eu acho que essa rede de apoio social deveria ter uma consistência teórica... (Entrevista C – Anexo A)

Um aumento de demanda ou a possível existência de uma fila de espera também era preocupação de alguns dos entrevistados:

Uma das implicações de participação na rede seria o encaminhamento de muitas pessoas em virtude da abertura de nossos serviços e devido à nossa restrição, tanto física, quanto de estrutura para atendimento, o que poderia inviabilizar a participação na rede. Mas, como há protocolos bem definidos e o grupo concorda em respeitá-los, talvez haja possibilidade de participação do nosso laboratório para realização de exames. (Entrevista D – Anexo A)

Fico um pouco preocupada para que a gente não fique criando uma fila de espera que, de repente, as pessoas procuram nesse momento porque elas estão mobilizadas nesse momento e eu acho péssimo a gente dizer “olha eu só teria vaga ano que vem” então por isso que eu fico um pouco com medo de abrir muito porque a gente não tem como abarcar. (Entrevista A – Anexo A)

Além de sinalizar uma preocupação com o aumento de demanda, os trechos acima também denunciam que a extensão universitária não parece ser prioridade no meio acadêmico. Vale mais empreender atendimentos que sejam interessantes para a condução de pesquisas do que o atendimento à população comum que necessita de ajuda. Podemos

perceber que a universidade se baseia mais fortemente em seus outros dois pilares – a pesquisa e o ensino – em detrimento deste terceiro. A Rede, no entanto, busca, servindo a comunidade, construir outros modos de ensinar também outros conteúdos, além de abrir outras frentes de pesquisa socialmente pertinentes.

Novamente voltando nossa atenção para as entrevistas com técnicos e docentes, percebemos que alguns deles apontam para uma necessidade de maior comunicação e integração, que justificaria a construção de uma rede, pela maneira como funciona o CEIP/USP como um todo:

De fato, não se conhece os laboratórios, ainda que estejam no mesmo corredor, como no nosso caso em que, eventualmente, alguém pergunta se doutora ‘tal’ já chegou e não conseguimos responder apesar de a sala dela estar do outro lado do corredor e as nossas salas ficarem deste lado. (Entrevista D – Anexo A)

Ou ainda:

Então eu acho que essa ligação interna não existe. Tem que existir dentro daqui do bloco. Eu falo que são pequenos feudos, que estão trabalhando, que estão aí propondo suas atividades, tem seus projetos de pesquisa, mas que não se... Eu falo que nem o trabalho interdisciplinar, que é uma coisa fora de moda até dizer chega, eles não fazem. (Entrevista E – Anexo A)

(...) é muito esquisito isso aqui, a falta de contato leva a um serviço precarizado, poderia ser melhor...aqui serve também à formação do aluno, e o aluno serve a clientela...eu sempre falo que aqui a gente lida com feudos, tem os feudos e os senhores feudais, não vai ser fácil fazer esse mapa [se referindo à construção de uma rede] que eu *to* dizendo. (Entrevista F – Anexo A)

Embora digam de um interesse na construção de uma rede de atenção entre os serviços, as entrevistas revelam também muitas dificuldades para que isso aconteça. Afinal, um local que já se baseia na “existência de feudos”, como dito por duas das entrevistadas, não será facilmente transformado num lugar de fluxo e troca intensos. Entretanto descobrimos, ao longo do caminho, que de fato uma rede se constrói, conforme dizem os estudiosos da área, a partir de algo em comum, que pode ser um objetivo, uma necessidade ou uma situação, para citar algumas possibilidades. A equipe da Rede se reuniu por apostar num objetivo comum, que é a construção da própria rede. Qual poderia ser o elemento que nos ajudaria a construir esse lugar comum no CEIP/USP? Descobrimos que a demanda poderia ser esse elemento aglutinador.

Por demanda compreende-se aquilo que os atores sociais necessitam pela condição de sofrimento (OLIVEIRA, 2006). Os clientes que chegam aos serviços do CEIP/USP urgem cuidar de determinadas questões que a eles se apresentam. Durante a cartografia dos serviços e laboratórios, fomos percebendo que demandas têm origens diversas, surgem não apenas das pessoas que procuram ajuda, mas também daqueles que aparecem no papel de cuidador e das instituições em geral. Por trás de papéis rigidamente estabelecidos e socialmente instituídos, observam-se as lacunas e os problemas gerados por tal rigidez. Os trechos da entrevista com a profissional abaixo, realizada no ano de 2010, evidenciam a demanda que pode vir do cuidador:

É um grande complicante isso, porque, por exemplo: eu não posso ter um convívio mais ampliado com os demais serviços, porque eu fico sendo um profissional exclusivo do meu serviço e não do IP como um todo.³³
(Entrevista E – Anexo A)

Em cima até disso que eu acabei de dizer [pedi a ela que me contasse sua experiência de trabalho no serviço do qual faz parte], de hora a gente anda e hora a gente se retrai, por exemplo, eu já tive possibilidade de ter estagiários de Serviço Social aqui dentro e que puderam fazer um trabalho em parceria com os alunos de Psicologia. Eu cheguei a ter 10 estagiários de Serviço Social. Era muito gostoso, era um trabalho delicioso. Mas, em outro momento, eu tive que calar e sobreviver neste serviço. E hoje eu vejo da seguinte maneira: em termos de clínica não vejo grandes avanços. Vejo um modelo de Serviço Social que atende as demandas de encaminhamento e a demanda de avaliação socioeconômica quando o curso de especialização solicita. É isso... (Entrevista E – Anexo A)

Na fala dessa profissional, durante a entrevista e, depois, refletindo com o grupo a respeito dela, podíamos perceber que ela demandava por mais trabalho dentro de sua área e de suas habilidades, pois parecia sentir-se, de certa forma, ociosa, não utilizando toda sua capacidade e ferramentas. Essa entrevista revelou ao nosso grupo um modo outro de cuidar de encaminhamentos que, sem percebermos, acabou influenciando, transformando nosso modo de trabalhar e redesenhando boa parte de nosso caminho.

Por exemplo, orientação profissional tem lá uma situação e eles chegam a mim e pedem, eles solicitam. Então não é... Por exemplo, na orientação profissional é um pedido no sentido de: surgiu um pedido de orientação, percebemos que não é, precisamos pensar num encaminhamento e o que nós vamos fazer. E aí é discutido com o aluno, o que é muito gostoso porque não é apenas você pensar em “ah, vamos mandar essa pessoa para o Centro de Saúde Escola Butantã”. Não, é pensar o que você percebeu

³³ Este trecho da entrevista foi modificado para evitar a identificação do entrevistado.

neste caso, que é o perceber do psicólogo. Eu acho que é valorizar isso: “olha, você tem uma formação, você tem uma capacitação que te possibilita dizer algumas coisas sobre este ser”. E aí nós vamos pensar ele no sentido assim: “bom, esse recurso está próximo a ele?”, “esse recurso tem quanto tempo de demora para conseguir uma vaga?”, “esse recurso a gente conhece alguém lá dentro que pode abrir uma porta facilitadora?”. Então a gente começa a fazer um desenho desse ser de forma mais ampla. E é muito gostoso porque o encaminhamento sai de outra maneira. Diferente de uma coisa que você pode simplesmente, hoje em dia, principalmente, olhar na internet onde estão os recursos, dar o endereço e telefone. Agora... Daí é a questão que nas grandes instituições o serviço se faz, o Serviço Social nas grandes instituições fazem isso: orientam a pessoa que busque o tal recurso e acabou. Só que aqui nós somos uma instituição de ensino e, mais do que nunca, é a possibilidade de trabalhar nesse sentido... (Entrevista E – Anexo A)

A partir da fala desta entrevistada, pudemos aprender um modo responsável de se fazer encaminhamentos. Responsável porque cuidadoso com o cliente que precisa de ajuda, uma vez que não se fornece qualquer número de telefone ou endereço, esperando que ele consiga, à força e às pressas, tomar as rédeas de seu poder-ser para se conduzir a tal instituição ou serviço. Ora, se demanda ajuda, deixá-lo conduzir-se sozinho, quando ainda não está preparado, não parece ser a atitude que irá gerar os melhores resultados. Nesse sentido, dividir responsabilidades parece ser uma forma de cuidar para que o cliente chegue em segurança ao seu próximo destino: é responsabilidade do plantonista que fez o atendimento e de quem o ajuda a pensá-lo.

Surge, neste momento, o que passamos a chamar de *encaminhamento acompanhado*.

O supervisor não sabe [o que existe lá fora]... Outro dia teve um professor virou e falou assim: “fala para a Maria³⁴ buscar um NAPE para esse paciente”. Dai a aluna veio com o discurso: “Maria, ele pediu para você buscar um NAPE para ele”. Eu falei: “*pera* um pouquinho... Você sabe o que é que é um NAPE?”. Ela falou: “Não! Ele falou que era um lugar para ele poder ser atendido, que tem uma visão mais ampla, um acolhimento melhor [para o cliente ser atendido]”. E eu falei: “primeiro que assim, na cidade de São Paulo não existe NAPE. NAPE é um recurso de outra cidade. Aqui existe o centro de saúde, posto de saúde, existe a AMA agora, mas não tem NAPE. NAPE é recurso que eu sei que é do ABC.”... Por acaso eu tenho gente conhecida num NAPE... Sim, ele estava falando na linguagem dele... O paciente mora em São Paulo capital, mora no bairro do Rio Pequeno... Então, assim... Ele não vai para NAPE nenhum... Os serviços são regionalizados... Se você estiver com dificuldade, depende para trabalhar com esses supervisores... Volto a dizer, não é o aluno que tem dificuldade, é o

³⁴ Nome fictício

supervisor. Eu falo assim: o serviço é regionalizado. O professor vira para mim e fala assim: “manda para o HU [Hospital Universitário]!”. O HU é regionalizado. Eles não têm noção do que estão falando. É a coisa mais apavorante. Porque ele continua batendo na tecla: “Não, mas esse cara pode ir para o HU”. “Não, esse cara não pode ir para o HU!”. Ele pode entrar na emergência do HU, mas quando ele passar da emergência ele vai para rua. Ele vai para o recurso perto da casa dele! “Não, mas ele fica lá porque sou amiga do fulano”. “Não, você pode ser amiga do fulano, mas lá é uma instituição e como instituição ela não fica”. E daí, acaba dando problema... (Entrevista E – Anexo A)

De fato, muitos docentes que supervisionam atendimentos não parecem estar exatamente a par de como o mundo da saúde funciona fora dos limites do IPUSP. Dessa forma, eles não podem instruir os alunos para que saibam lidar com encaminhamentos ou com o serviço público de saúde caso venham a fazer parte de sua força de trabalho. Fazer os encaminhamentos junto aos alunos, ao invés de discutir em grupo separadamente e levar somente o resultado da busca, pareceu ser uma forma de recuperação dessa lacuna que é inerente à formação e à grade curricular do IPUSP, uma vez que não existe um número grande de disciplinas destinadas à pensar a prática interdisciplinar e muito menos o trabalho de psicólogo que não seja o atendimento clínico clássico.

A rede passou a exercer, no LEFE, a partir de então, um papel importante na formação dos alunos plantonistas e de supervisores, no sentido de, a partir das discussões de caso, instrumentalizá-los para lidar de maneira diferente com possibilidades de encaminhamento. Para que isso pudesse ocorrer, as reuniões da Rede passaram a acontecer no mesmo horário de funcionamento do APP³⁵ e, quando havia necessidade de algum encaminhamento, plantonista e supervisor se dirigiam para a sala onde nos reuníamos para, juntos, discutirmos e pensarmos o que poderia ser interessante para aquele cliente. O plantonista que realizou o atendimento ficava responsável por fazer o contato com o psicólogo cadastrado³⁶ ou com a instituição em questão. Quando não era algo que tínhamos à mão, buscávamos juntos, fiador e plantonista, um serviço que pudesse atender às necessidades do cliente. Passamos a compartilhar o saber que estávamos construindo e não somente informações que faziam parte deste saber.

³⁵ Às terças-feiras, a partir das 17 horas.

³⁶ Passou a ser responsabilidade da equipe da Rede cuidar de um cadastro de psicólogos para encaminhamentos de clientes que demandem psicoterapia de longo termo. Este cadastro estava, antes, sob os cuidados de outro membro do LEFE. Quando a Rede passou a cuidar dos encaminhamentos, abarcou também este cadastro. Fazem parte das tarefas da Rede quanto a isso: entrevistar os psicólogos interessados e cuidar da atualização de dados. Os psicólogos cadastrados devem participar de ao menos um plantão por semestre, para que os plantonistas possam conhecê-los e para que eles também conheçam o modo de trabalhar do LEFE.

A partir dessa entrevista, assim como dos levantamentos bibliográficos de pesquisa sobre redes que estávamos fazendo na época, começamos a questionar se nosso nome – Rede de Apoio Social – fazia sentido caso pensássemos no trabalho que estávamos desenvolvendo. Aprendemos, através das leituras, que redes sociais são redes entre pessoas em sociedade, não importando a finalidade. Redes de apoio social parecem se relacionar mais a pessoas interligadas com a intenção de dar apoio a alguém que precisa por conta de alguma questão específica, como é o caso das pesquisas em Psicologia apresentadas no capítulo II, item 3. Para nós, rede de apoio social se tratava de interligações entre serviços ou pessoas que pudessem prestar suporte a quem precisasse de algo. A partir de nossas reflexões e da entrevista em questão, começamos a notar outros elementos que nos encaminhavam para um novo nome.

Rede certamente continuaria fazendo parte do nome, uma vez que pensamos em modos de cuidar de interligações entre serviços, laboratórios ou pessoas. Esta rede tem uma finalidade, que é cuidar de pessoas, sejam elas os clientes, que precisam de atendimento, ou dos próprios funcionários entrevistados, que podem se beneficiar de um espaço para se cuidarem através da narração de seu cotidiano. Os pontos que se comunicariam através dessa rede não envolvem somente psicólogos, mas também outros profissionais que pensam o cuidado em suas áreas de concentração de estudos. Pensamos, seguindo esta trilha de reflexão, que seria uma rede de cuidado com a saúde, entendida aqui como estado de equilíbrio que escapa a todo critério objetivo ou padronização (GADAMER, 2006). Seriam pessoas ou serviços, então, atentos ao cuidado e à saúde dos outros, buscando contribuir para esse equilíbrio. O nome Rede de Atenção em Saúde passa, então, a fazer sentido e é adotado pelo grupo.

Vale ressaltar que, para além da influência primordial em nosso caminho expressada nos parágrafos anteriores, a profissional da entrevista acima se converteu em uma grande parceira de trabalho, sendo um dos elos mais fortes e estreitos de nossa rede. Com ela percebemos a importância do trabalho do assistente social numa porta de entrada de serviço, uma vez que podemos recorrer a ela tanto para encaminhamentos quanto para discutir como proceder quando em visitas a outras instituições. O conhecimento a respeito do trabalho da área de Serviço Social foi especialmente adquirido por nós durante o segundo semestre de 2010, quando uma estagiária³⁷ da Rede participou, juntamente com esta profissional, de visitas institucionais em órgãos de saúde pública da região do

³⁷ Renata de Lima Conde.

Butantã. A aluna trazia para nossas supervisões o que havia se passado durante essas visitas e nós íamos, pouco a pouco, conhecendo mais do trabalho e do mundo lá fora, agregando ainda mais instrumentos à nossa caixa de ferramentas.

A estagiária não continuou no grupo da Rede no semestre seguinte e, por não haver outro aluno com disponibilidade de continuar o trabalho, passamos a não participar mais das visitas junto à entrevistada. Porém, continuamos contando com ela para discutir encaminhamentos ou qualquer outra questão que se fizesse necessária.

Certo tempo após esta mudança de direção no trabalho da rede junto ao APP, no final do ano de 2010, uma aluna em especial se interessou pelos reflexos que esse modo outro de encaminhar poderia gerar. Deste interesse brotou uma iniciativa de pesquisa, buscando compreender como esta rede de atenção em saúde em formação poderia interagir com o atendimento em Plantão Psicológico: o que pensam e sentem os plantonistas ao encaminharem o paciente para outro profissional, e como a presença da Rede pode afetar essa experiência (OUSHIRO, 2010; 2011; 2012). Este trabalho de pesquisa foi desenvolvido por meio de entrevistas com plantonistas e supervisores do APP realizadas ao longo do ano de 2011.

Aprendemos, a partir do trabalho de pesquisa de Luciana Oushiro, que, de modo geral, todos os entrevistados apontavam para uma sensação de maior segurança ao encaminhar um paciente com o auxílio da Rede. Alguns aspectos foram levantados, como a maior organização dos dados; maior conhecimento dos serviços e profissionais para onde ocorreriam os encaminhamentos; a ciência se o paciente chegou ao serviço proposto ou não; a possibilidade do plantonista refletir sobre o encaminhamento juntamente com os participantes da Rede, implicando-se nesse processo e auxiliando no trabalho com o próprio paciente (OUSHIRO, 2012).

Ainda como resultado das entrevistas feitas por Oushiro, tivemos mais uma mudança no traçado do trabalho da Rede. Durante os períodos de férias, o APP continua funcionando e, por conta disso, elaborávamos uma escala de férias para sempre haver pelo menos um estagiário da Rede disponível para discutir o que surgisse durante o plantão. Nesses períodos não fazíamos reuniões e, então, os estagiários disponíveis ficavam nas mesmas salas onde aconteciam as supervisões e contribuía, no ato, para a construção de encaminhamentos. Um dos entrevistados pontuou que era bastante interessante quando trabalhávamos dessa forma e, a partir do trabalho de pesquisa de Oushiro, passamos alguns encontros em supervisão discutindo e refletindo se faria sentido adotar este modo de trabalho.

Compartilhando impressões, percorrendo o caminho até o momento e relembrando estudos, construímos que, se um de nossos principais objetivos, junto ao APP, era instrumentalizar supervisores e plantonistas para o cuidado com o encaminhamento de clientes, faria sentido se nos pulverizássemos para participarmos dos vários grupos de supervisão que acontecem durante o plantão. Conseguiríamos, assim, multiplicar conhecimento. A partir dessa conclusão, mudamos novamente nosso horário de reunião: passamos a nos encontrar algum tempo antes do horário do plantão para estarmos todos disponíveis e circulando enquanto o APP funcionava. Permanecemos trabalhando desta forma até hoje; somente mudamos nosso horário de reunião para outro dia da semana por conta das disciplinas que cada participante do grupo estava cursando durante o semestre, o que inviabilizava a reunião pré-plantão.

Outra entrevista, novamente focando no conteúdo produzido a partir das conversas com docentes e técnicos, também teve influência significativa em nosso trabalho. Na verdade, um trecho em específico nos fez perceber algo que, por mais que pareça óbvio, não era simples de ser feito:

Acho uma iniciativa muito boa e acho que é algo necessário que vem cobrir uma lacuna. E espero poder ler depois o trabalho, e que seja feito um guia para que os laboratórios tenham essa informação de uma forma facilitada, clara, uma cartografia, um mapeamento. E as informações para que então, por exemplo, você está aqui, pega um livrinho e vê tudo. É aparentemente simples, mas não é. (Entrevista G – Anexo A)

A entrevistada acima trouxe à baila em nossas reuniões a questão de como faríamos para comunicar aos laboratórios e serviços esse conhecimento que vínhamos acumulando. Nós já tínhamos aprendido a compartilhar com os plantonistas e supervisores do LEFE, em especial do APP. Como faríamos para fazer com que o que construímos circulasse? Percebemos que essa seria uma forma de estimular a comunicação entre os serviços e laboratórios, se pelo menos soubessem quem são os outros que estão ao redor e o quê e como trabalham. Ao menos, saberiam a quem se referir em caso de necessidade. Novamente, alguém do grupo se interessou por dar mais atenção a essa questão, e disso, nasceu mais uma iniciação científica. Ainda em 2010, a aluna Barbara E. V. Melo, em seu trabalho de pesquisa intitulado “Rede de apoio social na prática psicológica em instituições: introduzindo a participação em políticas públicas de saúde”, buscou, a partir de entrevistas já realizadas com alunos, técnicos e docentes,

investigar qual seria a melhor forma de divulgar o conteúdo que havíamos construído (MELO, 2011; LERMES, 2012). A partir das entrevistas, Melo concluiu que algum meio de comunicação que permitisse um acesso ágil à informação seria o mais interessante e que este meio deveria poder ser acessado por docentes e técnicos para conhecerem quem habita o espaço ao seu redor, por alunos para conhecerem o espaço do qual também fazem parte e pudessem se encaminhar com mais eficiência quando estivessem buscando estágios ou experiências de ordem prática, e, finalmente, pela população para encontrar mais facilmente serviços e laboratórios que poderiam atender a sua demanda. Se a comunicação fosse mais ágil, conseguiríamos, de certa forma, provocar demandas não aclaradas: os alunos saberiam onde poderiam estagiar e, se os serviços e laboratórios tivessem mais estagiários, poderiam atender mais clientes; a população, sabendo mais a respeito dos serviços oferecidos, poderia encaminhar-se com mais facilidade.

Novamente, a demanda seria o elemento que aglutina e movimenta. Aqui podemos perceber que o trabalho em rede, tanto com os estagiários e supervisores, assim como com os serviços e laboratórios, estaria voltado ao esclarecimento de demandas, assim como se faz quando em plantão. Afinal, o plantão psicológico trata exatamente desse clareamento, buscando auxiliar o cliente na responsabilização pelo cuidado consigo mesmo (MORATO, 2006). Nesse sentido, o trabalho da Rede, de certa forma também, se ofereceria como plantão.

A aluna Barbara optou pela construção de um blog (<http://tecendoumarede.wordpress.com>), site que permite atualizações rápidas. A partir do segundo semestre de 2011, passou a ser gerido por outro aluno, Rodrigo da S. R. Lermes, cujo projeto foi contemplado com iniciação científica.

A iniciativa de Melo e Lermes movimentou o grupo para refletir, para além da divulgação no blog, outras formas de comunicar conhecimento. Algumas começaram a ser executadas já na época, mas outras somente tomaram corpo mais recentemente, no ano de 2012. Iniciamos a elaboração de um artigo para ser publicado em revista científica, buscando compartilhar nossa experiência com um maior número de pessoas, para além de alunos do IPUSP, docentes e técnicos. Este artigo teve sua produção iniciada em 2010 e foi finalizado no ano passado, 2012, e será publicado como capítulo do livro “Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica” que está para ser lançado.

Duas monografias (CHOHFI, 2010; ROSTWOROWSKI, 2010) do curso de especialização Prática Psicológica em Instituições vieram engrossar o coro buscando uma maior divulgação de nosso trabalho, para além das costumeiras apresentações em

congresso. A minha monografia, “Cuidando de Fiadores: conhecendo a rede”, buscou investigar, a partir da fala dos fiadores, como estava sendo a experiência de trabalhar na construção dessa rede.

A partir da pergunta “Como está sendo este trabalho para vocês?”, reservamos um horário para além da supervisão semanal e discutimos a respeito de como a construção tinha acontecido até ali e como vinha sendo a experiência de cada um. Pudemos perceber, a partir dessa discussão, como o trabalho vinha sendo proveitoso para os estagiários da Rede, para além da própria satisfação com a construção da rede em si e do melhor atendimento proporcionado à comunidade.

Os alunos participantes do grupo se percebiam adquirindo uma formação um tanto diferenciada. Conforme apontado por eles em discussão, a formação em Psicologia no IPUSP acaba por ser, de certa forma, restrita, já que não possibilita entrar em contato com todos os laboratórios, serviços oferecidos, pesquisas desenvolvidas por docentes ou técnicos, já que, pela grade curricular, a maioria dos estágios privilegia apenas determinadas abordagens (CHOHFI, 2010). Participando do projeto, eles conseguem caminhar como viajantes por entre o IPUSP, conhecendo mais profunda e amplamente o que este tem a oferecer. Segundo eles próprios, essa experiência possibilita uma visão mais crítica na medida em que conhecem melhor o lugar onde habitam, além de promover uma escolha fundamentada quanto ao caminho que queiram seguir em seu futuro percurso profissional.

Ainda referente a essa questão, durante as discussões ficou evidenciado certo caráter terapêutico pela participação no projeto. Os alunos comentam que se sentem mais apropriados em serem como são. Enfrentando os mais diversos tipos de situações possibilitados pelos diversos tipos de contato que são necessários para a construção das parcerias, eles vão conhecendo e descobrindo seus diferentes modos de ser e vão se percebendo múltiplos (CHOHFI, 2010). Conhecendo-se e a seus modos, eles amadurecem e parecem mais confortáveis, seguros e confiantes. O fato de conversar com o professor de igual para igual, de percebê-lo como semelhante, contribui para isso.

A partir de minha monografia, concluímos que a Rede se oferece como possibilidade de cuidado e crescimento para uma gama maior de pessoas. Foi assim aos alunos e a mim, que usufruímos dela para nossa formação; aos professores e técnicos contribuiu para repensarem sua prática em relação aos clientes que dela necessitam. Por fim, oferece-se como possibilidade à comunidade, que pode circular por entre os vários serviços e laboratórios de modo a ser bem atendida no que demanda (CHOHFI, 2010).

A elaboração dessa monografia serviu de balanço para compreender como a construção havia acontecido até o momento. Pudemos perceber, a partir disso, que estávamos trilhando um caminho que parecia ir para uma direção possível, pois estávamos conseguindo ampliar a formação dos alunos, para além de cuidar dos clientes encaminhados e de fazer novos contatos. Isso reforçou a nossa ideia de dividir com os plantonistas e supervisores do LEFE o que estávamos construindo. Quem sabe não conseguiríamos “contaminá-los”?

Em 2010 ainda tivemos outra monografia sendo apresentada. No trabalho intitulado “A Cartografia como Metodologia para a Implantação de uma Rede de Apoio Social”, o aluno André Rostworowski procurou investigar a cartografia como metodologia clínica, que promove certa organização de dados obtidos em entrevistas, consolidando e formalizando os procedimentos e possibilidades de mediação, para o encaminhamento da demanda localizada, como subsunção, à implantação de uma Rede de Apoio Social (ROSTWOROWSKI, 2010). Em sua pesquisa, buscou destacar todos os passos dados pelo grupo durante a cartografia dos serviços do CEIP/USP; trata-se de um trabalho de descrição de um caminho trilhado.

Ao mesmo tempo em que produzíamos textos e apresentações pensando em fazer com que o conhecimento construído pudesse circular, pensávamos também em contatos que poderíamos fazer fora de nosso território. Estávamos pensando em expandir nossas entrevistas para os serviços disponíveis na Universidade de São Paulo como um todo, assim como fora dela. Quase na transição do ano de 2010 para 2011, já tínhamos uma lista de lugares os quais gostaríamos de contatar. Porém, durante uma de nossas discussões em supervisão, relembramos que, a partir de um de nossos utensílios, construímos o caminho conforme necessário. Levando isto em consideração, faria sentido procurar serviços somente por procurar, uma vez que não tínhamos nenhuma demanda para isso? Concluimos que deveríamos dar os passos conforme se fizessem necessários e passamos a entrar em contato com serviços conforme a demanda para isso se apresentasse.

Em 2011, o projeto da Rede começou a ser procurado por alunos fora do IPUSP através de disciplinas optativas oferecidas pela Profa. Henriette. Primeiramente, passaram a fazer parte do grupo uma aluna³⁸ do curso de Terapia Ocupacional (FOFITO/USP) e um aluno³⁹ do curso de Enfermagem (EE/USP). Na medida em que eles se apresentavam para

³⁸ Marina Di Napoli Pastore

³⁹ Regis Halves

o grupo, naturalmente fomos conhecendo melhor suas instituições de origem. Como parte de sua apresentação, a aluna de Terapia Ocupacional realizou uma pequena cartografia dos serviços disponíveis na FOFITO como um todo e, contando com a presença dela durante as supervisões de plantão, pudemos pensar encaminhamentos por outro viés, uma vez que a formação dela é diferente da nossa. Mais duas alunas⁴⁰ da faculdade de Terapia Ocupacional já passaram pela Rede, sendo que uma delas permanece no grupo até hoje.

Vimos, ao longo do ano de 2011, a nossa postura de trabalho se consolidar. Participamos das supervisões em plantão, buscamos contatos conforme necessário e discutimos maneiras de ampliar a divulgação de nosso modo de trabalhar, assim como das informações reunidas ao longo dos anos de trabalho. Pensamos que seria interessante divulgar, provavelmente em outro artigo científico, este modo de realizar encaminhamentos que criamos em co-autoria com aquela entrevistada mencionada neste relato.

Este projeto, porém, ainda não foi concretizado. As parcerias que fomos formando ao longo dos anos acabaram se convertendo em contatos pessoais. Há uma pessoa de referência nos serviços com os quais nos comunicamos e isso tem sido muito positivo, pois o cliente, assim como o plantonista da Rede ou do Plantão, sempre encontram com quem conversar quando da necessidade de ajuda. Fomos percebendo este mesmo movimento, de concretizar parcerias, em outros membros do LEFE, criando situações em que clientes são atendidos por estagiários de um serviço, supervisionados em conjunto por alguém de outro, mantendo um diálogo constante entre todas as partes envolvidas. Parece ter ficado patente que, quando há demanda, de fato não existe nenhum problema em compartilhar, mesmo que as visões de homem e mundo sejam diferentes. Em rede, clientes, docentes, técnicos e alunos são homens no mundo com outros, tal qual a perspectiva heideggeriana e arendtiana apontam: há coexistência em rede.

Houve a entrada no grupo, no primeiro semestre de 2012, de uma aluna de graduação em Gestão Pública⁴¹ (EACH/USP), de mais um aluno de pós-graduação⁴², também orientado de mestrado da Profa. Henriette, e de dois de graduação⁴³ em Psicologia. No LEFE, pós-graduandos normalmente ocupam o lugar de supervisor de projeto e, assim, o novo mestrando passou a compor a supervisão do grupo da Rede

⁴⁰ Mirella Ferreira e Nicole Guimarães Cordone

⁴¹ Gabrielle Dias

⁴² Gustavo Giolo Valentim

⁴³ Anne Fontanesi Kling e Alan Rizerio da Silva Oliveira

comigo para, quando eu me retirasse para cuidar da dissertação, ele me substituiria na supervisão sozinho.

Como se pode ver, esta é uma “regra” do LEFE, instituição da qual a Rede faz parte. Porém, esta não era uma regra do grupo da Rede, e sim uma diretriz que veio de cima para baixo. Como um grupo que funciona de maneira horizontal por excelência receberia e processaria uma ordem? Não foi de maneira simples que a entrada de um novo supervisor aconteceu; essa situação, na verdade, gerou um grande mal-estar entre os participantes do grupo. Por muitas vezes, pareceu que ia se romper e deixar de trabalhar com a sintonia que havia sido construída ao longo dos quatro anos de trabalho.

Ao mesmo tempo em que lidávamos com este mal-estar, continuamos a discutir a divulgação e a demanda como elemento de ligação. Continuamos discutindo, com mais afinco, a questão de que os alunos, se em movimento, poderiam ajudar neste trabalho: se mais alunos conhecem serviços, mais alunos poderiam estagiar. Se mais alunos estagiassem, mais clientes poderiam ser atendidos.

Reforçando e seguindo a mesma linha de raciocínio que levou à criação do blog, passamos a nos questionar se haveria alguma outra maneira de compartilhar o que construímos e, ao mesmo tempo, gerar movimento. Um dos alunos do grupo, participante do Centro Acadêmico Iara Iavelberg⁴⁴, sugeriu que enviássemos uma proposta de atividade à comissão de organização da Semana da Psicologia, que teria como tema, no ano de 2012, a extensão universitária. Pensamos que uma atividade que reunisse docentes, técnicos em discussão com alunos a respeito do trabalho de cada um poderia fomentar alguma movimentação. Baseando-nos nisso, propusemos um evento (Anexo C) que foi aceito pela comissão organizadora da Semana.

Pensamos e construímos juntos a seguinte estrutura: após uma breve apresentação do projeto da Rede, os alunos, docentes e técnicos, já separados em pequenos grupos, preferencialmente formados por pessoas que não se conhecessem, deveriam discutir e apresentar o trabalho que desenvolvem no IPUSP ou fora dele. Durante estas pequenas apresentações, um cartaz contendo um resumo das informações deveria ser confeccionado pelos participantes de cada grupo. Com eles iríamos decorar o corredor do IPUSP para que a informação pudesse ser passada inclusive àqueles que não participaram da oficina. Após este período em conversa em pequenos grupos, faríamos uma discussão todos juntos a respeito da extensão universitária.

⁴⁴ Centro Acadêmico do IPUSP.

Com a proposta aprovada, iniciamos os contatos com os docentes e demais funcionários do IPUSP, assim como com parceiros⁴⁵ do LEFE em outras empreitadas. Tivemos um retorno extremamente positivo, até além do esperado. A maior parte dos docentes e técnicos do IPUSP manifestou interesse em participar, assim como os parceiros de outras instituições dentro da USP. Se não fossem todos pessoalmente, enviariam algum representante do serviço ou laboratório. Percebemos que a nossa demanda, de compartilhar com outros o que fazemos, ecoava pelos serviços do CEIP/USP, assim como por outros da USP e de fora. Haveria mesmo um movimento de buscar uma maior integração e diálogo entre aqueles que se dedicam à atenção à saúde?

Compareceram ao evento cerca de 90 pessoas, entre elas docentes, técnicos do IPUSP, funcionários de outras unidades da USP e alunos. Em seu relatório final de iniciação científica, Lermes (2012) relata o transcorrer do evento:

Quanto à atividade da semana da Psicologia, consideramos um marco importantíssimo na história da Rede visto que foram cinco anos de trabalho, quase dois anos idealizando esse encontro inter laboratórios/serviços. Por fim compareceram 64 convidados, representando 17 serviços tanto de dentro do IPUSP quanto exterior (Hospital Universitário da USP, Prefeitura de Jandira, Superintendência de Assistência Social da USP, Bandeira Científica, Unaerp e Unifesp). A primeira parte da atividade aconteceu como previsto: houve a rerepresentação do projeto da Rede (visto que alguns laboratórios foram contatados há muito tempo e alegaram não lembrar que iniciativa era essa), fez-se uma rodada breve de menção dos serviços que estavam representados naquele encontro (assim foi possível verificar que a distribuição de serviços em cada mesa estava relativamente proporcional) e então propusemos 1h00 para apresentação dos serviços apenas para quem estava na própria mesa, solicitando que os participantes organizassem o tempo de apresentação de cada um. (...) Ao término do tempo, o grupo da Rede notou a grande vivacidade presente nas conversas, as trocas de contatos e esclarecimentos durante cada apresentação. Decidiu-se fazer uma consulta junto aos participantes: se consideravam que aquela dinâmica deveria continuar visto a produção evidente que estava acontecendo ou se passaríamos à segunda parte da atividade. Houve consenso em aumentar mais 15 minutos para conclusão da primeira parte e depois passaríamos ao programado anteriormente. (...) Porém quase terminando este tempo, ocorreu ao grupo da Rede que discutir a formação do psicólogo no IPUSP e a importância da extensão nesse processo, poderia romper a dinâmica estabelecida nas mesas, dado que vários participantes eram alheios à realidade do Instituto. Assim, optamos por mudar a pergunta e trabalhamos a seguinte com todos os presentes a seguinte questão: “Como vocês fariam uma rede?”. (...) Houve diversas contribuições, em especial de caráter ferramental (criação de um site, de uma comunidade no *facebook*, produção de um vídeo para divulgação, contratação de um bolsista de aprender com cultura e extensão para organizar os processos próprios à constituição de uma rede). No geral, a discussão seguiu orientada pelos participantes na direção de modos tradicionais de rede. Ao final, houve uma pequena discussão sobre a história do IPUSP e o quanto ela não favorecia um

⁴⁵ Assistentes sociais da SAS (Superintendência de Assistência Social da USP), Psiquiatras do Hospital Universitário (HU/USP), membros do Acolhe USP dentre outros.

trabalho em rede em função de sua estrutura departamentalizada. (p.7)

Após essa atividade, reunimo-nos brevemente; a primeira supervisão em que começamos a trabalhar os acontecimentos do evento ocorreu dois dias depois. Nela, mencionamos alguns participantes com os quais conversamos neste período e quais elogios e críticas ouvimos. De modo geral, a atividade foi bem avaliada, no sentido de que os participantes dos grupos haviam conhecido serviços que não sabiam da existência e que havia sido esta uma boa experiência de trocar ideias e conhecimento. A nossa percepção, embora marcada pelo mal-estar que pairava no grupo, também foi positiva da primeira parte do evento. Lermes (2012) comentou da vivacidade que podia ser percebida nos diálogos estabelecidos dentro de cada grupo. Os participantes pareciam estar mesmo experienciando algo novo e positivo.

Entretanto, a sensação de mal-estar existia e se relacionava à forma como foi conduzida a segunda parte da atividade, além da postura de determinados participantes também durante essa segunda etapa. Atravessados pela estrutura piramidal de funcionamento da instituição da qual fazemos parte, percebemo-nos trabalhando desconectados, muito aquém da dinâmica horizontal tão usual. Embora os demais participantes do evento não tenham percebido, dada à avaliação positiva que recebemos, nosso grupo estava cindido durante a segunda metade do evento.

Buscando elaborar os reflexos do acontecido e tentando refletir a respeito para conseguir encaminhar ações, deparamo-nos com quatro fatores como geradores do mal-estar manifestado: - o fato de termos mudado a questão na segunda parte; - a falta de experiência do grupo para conduzir eventos desse porte; - vivenciar uma estrutura hierárquica espontaneamente apresentada; - atitude dos participantes quando perguntados a respeito de como construiriam uma rede. Tais elementos, simultaneamente vividos e não planejados, afetaram nosso modo de ser *grupo*. Acerca dessa situação, Lermes (2012) discorre:

Quanto ao primeiro aspecto, vale ressaltar que houve duas tentativas de mudança da dinâmica: na primeira iríamos abdicar da questão e permanecer apenas com as rodas de conversas, e na segunda mudamos efetivamente a questão. Como não houve tempo para trabalharmos a nova questão, usamos aquela que surgiu e não conseguimos avaliar rapidamente o quanto ela convocava respostas de cunho ferramental (“Como você faria uma rede?”). Os participantes disseram de suas experiências em outras redes e de como elas funcionavam. (...) Quanto ao segundo aspecto, houve um momento na segunda parte da atividade em que não havia consenso no grupo sobre como a atividade estava se desenvolvendo; porém, ora por medo de desautorizar quem conduzia a atividade, ora para não comprometer uma aparente não presença de divergência no grupo, não houve participação nenhuma dos demais membros da Rede, fosse contestando, fosse

corroborando a proposta que estava sendo desenvolvida. (...) Finalmente, houve na dinâmica global do grupo da Rede, desde a escolha de quem apresentaria o projeto para os participantes da atividade, os supervisores do projeto, até em “pedidos de autorização” para falar em nome do grupo durante a atividade por parte dos demais alunos do grupo, a participação maciça de algo que nos é mais familiar do que a condição horizontal de trabalho: a experiência piramidal, verticalizada, hierárquica de relações. Compreendemos que, ao funcionarmos horizontalmente, oferecemos concretamente uma possibilidade de experiência de rede horizontal aos olhos de outros grupos. Inclusive uma frase muito representativa dessa experiência de horizontalidade veio por um aluno de 5o ano da graduação em Psicologia do IPUSP: “Essa foi a primeira vez que sentei com aqueles que não são meus pares (leia-se: professores, funcionários e assistentes sociais) e tomei café. Simples assim...”. Esse é um recorte da experiência de rede que queríamos transmitir e aparentemente foi o que aconteceu, apesar da instabilidade enfrentada pelo grupo da Rede enquanto tal. (p. 8-9)

Lermes (2012) diz, à página sete (7), que alguns participantes, na segunda parte do evento, quando perguntados a respeito de como construiriam uma rede, voltaram-se para sugestões práticas que, usualmente, delegavam o trabalho da construção a outrem – normalmente a nós, do grupo da Rede. Em qualquer construção certamente algumas pessoas tomam a frente, enquanto outras participam de maneira mais passiva. Como dito por Montero (2006), cada participante de uma rede exerce sua função, sendo esta de ação prática, intelectual, ativa ou passiva, porém o objetivo final deve ser comum.

Pudemos perceber, nessa segunda parte, que existe a noção de que algo precisa mudar e do quão importante é compartilhar, dado o número de convidados e alunos que compareceram. Porém, parece ser algo ainda em formação, sem corpo ou vontade de se engajar em algum movimento que trabalhe de fato por essa mudança. Muitos dos participantes pareciam acomodados, esperando que outras pessoas ou coisas causassem alguma alteração no cenário. Neste sentido, a construção de uma rede fica comprometida, pois esta depende da cooperação de todos para se manter ativa.

Além disso, a partir do desenrolar deste evento, sentimos o quão frágeis podem ser as relações construídas entre os homens e o poder exercido por algo que seja mais familiar. É próprio do homem misturar-se e se perder em sua rotina diária. Nesse sentido, quando nós do grupo da Rede agimos nessa atividade pressupondo a existência de uma estrutura vertical, como explicita Lermes (2012) no trecho citado das páginas oito (8) e nove (9), estávamos mergulhados em nosso mundo cotidiano e marcados por ele. Agimos imprópriamente, no sentido que Heidegger atribui à impropriedade. Para ele, o homem é impróprio quando se mistura ao mundo e se esquece do sentido próprio de sua existência. A Rede existe para ser horizontal. Porém, quando em situação não familiar, apresentamos de maneira vertical e experimentamos um modo impróprio de ser, porém próprio do

homem, uma vez que só é possível apropriar-se de si a partir da impropriedade.

Fato é que já vínhamos experimentando um mal-estar no grupo por conta dos atravessamentos *top-down* que ocasionaram a inclusão de um novo supervisor no grupo. Este mal-estar parece ter ganhado concretude durante a oficina, embora este fato ainda careça de maior reflexão por nossa parte. Ainda estamos tentando compreender essa situação; contudo, temos discutido a influência de hierarquias no grupo da Rede para buscar um posicionamento coerente ao nosso modo de trabalhar.

Enquanto essas discussões ocorriam, pensamos que uma outra possibilidade seria investigar qual era a visão dos alunos do IPUSP em geral a respeito da extensão universitária, se conheciam laboratórios e serviços e do que cuidavam, para além de provocar movimento e esclarecimento de demanda na comunidade acadêmica. Tal investigação poderia apresentar ideias a próximos passos. Baseando-se nisso, uma aluna da graduação elaborou seu projeto de pesquisa.

No trabalho “Rede/LEFE: Reflexões acerca dos laboratórios e extensões do IPUSP via experiências de alunos dos primeiros anos de graduação”, Jacqueline Ferreira Santos buscou investigar como os alunos dos primeiros anos de graduação em Psicologia percebem as possibilidades de se integrarem aos serviços, laboratórios e extensões oferecidas pelo IPUSP (SANTOS, 2012). Perguntas norteadoras objetivavam ouvir como os alunos procuram por estágios e possíveis iniciações científicas, o que conhecem de serviços oferecidos pelo CEIP/IPUSP e a respeito dos laboratórios nele existentes. A partir da mirada dos alunos de primeiro e segundos anos Santos buscou construir uma imagem do IPUSP, no que toca à área de serviços prestados à comunidade e pesquisas (SANTOS, 2012).

As entrevistas feitas mostraram que tanto alunos de primeiro quanto de segundo ano associam laboratórios de Psicologia fortemente à Análise Experimental do Comportamento. Também demonstram relacionar laboratório a local de pesquisa, produção de conhecimento, aplicação de testes. Nenhum dos alunos associa laboratório com serviços prestados à comunidade. Também demonstraram ter conhecimento de que o CEIP/IPUSP é um local que oferece atendimento à comunidade.

Quanto à inserção em atividades de iniciação científica e estágio, a maioria declarou ter interesse. Foram citados como fonte de informação: contato com amigos/colegas mais experientes e professores. Alguns alunos do primeiro ano mostraram-se informados através do projeto de Tutoria Científico-Acadêmica da Pró-

Reitoria de Graduação, descrevendo a extensão como um meio de obter ajuda financeira (SANTOS, 2012).

Concluimos, a partir destas entrevistas, que os alunos mostram-se interessados em participar de programas de extensão, seja por interesse em atuar de modo prático ou pela necessidade de apoio financeiro. A correlação entre extensão e retorno financeiro parece ser um indicativo de que a nova modalidade de bolsa oferecida pela Pró-Reitoria de Graduação tenha efeitos sobre a mentalidade da nova geração de pesquisadores que se filiam aos laboratórios. Ainda é possível perceber que o corpo discente carece de mais informações sobre a variedade de modalidades e serviços oferecidos na própria Instituição da qual são alunos (SANTOS, 2012).

Como tentativa de resposta a esta demanda por esclarecimentos, e a partir das reflexões das entrevistas de Santos (2012) e dos trabalhos de Melo (2011) e Lermes (2012), é que a atividade da Semana de Psicologia foi proposta, abrindo possibilidades de outras iniciativas como esta. Atualmente estamos construindo uma atividade para a semana de recepção dos calouros de 2013, para que estes já possam adentrar o IPUSP conhecendo um pouco mais os caminhos que podem percorrer no lugar onde irão habitar.

O modo de atuar da Rede, para os próximos anos, se baseia no caminho construído até agora: pretendemos continuar propondo atividades que provoquem fluxos de movimento e comunicação dentro do IPUSP como um todo, visando clarear demandas que possam estar ocultas, assim como fazer com que os alunos possam conhecer melhor a sua própria casa. O caminho continuará se construindo a partir dos próprios passos dados, ou seja, novas parcerias serão pensadas e edificadas a partir do aparecimento de demanda para isso. O ritmo de passada continuará sendo artesanal, permitindo-nos sempre pausas para refletir a respeito do sentido do caminho.

V – Das Considerações Possíveis ou Dos Arremates entre Fios e Buracos

Após apresentar o percurso interpretado de pesquisa, cabe, agora, encaminhar suas reflexões como conclusões. A partir do trabalho apresentado, pode-se concluir que ainda não é possível edificar uma rede de atenção entre todos os serviços existentes no CEIP/USP. Isso talvez ocorra por algumas razões.

O funcionamento em ilhas ou feudos, como revelado por duas das entrevistadas, parece ser um dos motivos. Isso pode derivar da estruturação da Psicologia como área de estudo, uma vez que ela própria é fragmentada em diferentes visões a respeito do mesmo “objeto”, que é o homem. Diferente da Medicina, que também tem o homem como alvo de estudos e possui diversas especialidades que, a grosso modo, se completam, a Psicologia pensa o homem como uma unidade e, nesse sentido, muitas discordâncias podem acontecer dependendo do foco. Ao que parece, a complexidade do objeto de estudos da Psicologia exige uma multiplicidade de enfoques, sendo que cada modelo “fisga” um aspecto da realidade para trabalhar (FIGUEIREDO, 1994). Uma das entrevistadas comenta das dificuldades que surgiriam, a partir desse modo de atuação “feudal”, se uma rede fosse de fato se construir:

(...) acho super louvável isso que vocês estão fazendo, esse mapeamento, essa cartografia, mas na hora de implantar vai sair pau de cadeirada, um vai querer ficar com a porta, outro com a saída, com o primeiro andar, o segundo...tudo aqui anda a passo de tartaruga... (Entrevista F – Anexo A)

Em se tratando de atendimento à comunidade, essas “rixas” teóricas, para além das pessoais, perdem o sentido; a população procura pelos serviços buscando cuidado; a ela importa ter sua demanda atendida ou encaminhada. Desse modo, faz-se necessário, num momento anterior a qualquer construção que envolva todos os serviços e laboratórios do CEIP, retomar a universidade enquanto espaço público e compartilhado, onde técnicos e docentes possam trocar e se conhecer em suas diferenças e semelhanças.

Dessa forma, o IPUSP parece estar num momento que antecede à formação de qualquer rede, quando ainda há a necessidade da construção de um grupo articulado, além do esclarecimento de a quem exatamente se refere esta demanda de construção. Todos os entrevistados sinalizaram a importância de uma rede, porém sem aparente disponibilidade para tal trabalho. Isso também se apresentou durante a segunda parte do

evento na Semana de Psicologia, quando alguns docentes e técnicos pareciam querer delegar o trabalho a outros, colocando-se fora de qualquer movimento.

Novamente, discutir em conjunto para co-construir um sentido de rede para este grupo talvez facilitasse num lançamento de bases comuns para que algo pudesse ser edificado. Como disse Montero (2006), uma rede social depende de um ideal comum e da participação de todos, de uma forma ou outra, para ser construída e se manter. No IPUSP um grupo ainda precisa se construir para poder pensar num objetivo compartilhado e em qualquer atuação coletiva. A preocupação de muitos parece estar voltada para o privado, no sentido de cuidar somente de produção acadêmica específica, sem se direcionar à comunidade. Interesses privados dominando o espaço público que é a universidade?

Nesse sentido, dada à impossibilidade de construir uma rede envolvendo a todos, a proposta do grupo da Rede sofreu alterações. Continuamos pensando parcerias e contatos a partir dos encaminhamentos dos quais o LEFE necessita. Porém, com relação ao CEIP/USP, saímos do papel de fiadores para nos tornarmos pro-vocadores⁴⁶: é necessário criar espaço e oportunidades para que um engajamento prévio possa acontecer e uma demanda comum possa ser clareada. É nessa linha que foram pensados o evento na Semana de Psicologia do IPUSP e o da Semana de Recepção dos Calouros do ano de 2013, além das apresentações em congressos internos ou externos.

Contudo, durante o percurso desta pesquisa, algumas questões foram apontadas, a partir da experiência em campo, como possibilidades de demanda por esclarecimento, que poderiam se converter em elementos que conferissem sentido à construção de uma rede. Uma maior preocupação com a extensão universitária e, em consequência, com o atendimento à comunidade, poderia funcionar como elemento aglutinador entre os serviços.

Outra possibilidade também apontada foi uma preocupação com o preparo dos alunos de graduação em Psicologia para o mercado de trabalho. Além disso, alguns profissionais relataram certo desconforto em cumprir somente suas funções em seus próprios laboratórios ou serviços, às vezes, com certa ociosidade; percebem que poderiam cuidar e propor outras possibilidades para além daquelas já designadas, tanto em seus serviços quanto nos demais do CEIP. Outros demonstraram interesse no trabalho em conjunto, o que resultou nos atendimentos compartilhados mencionados no percurso da pesquisa. Estes temas, em discussão entre técnicos, docentes e alunos, poderiam

⁴⁶ Provocar aqui é entendido como chamamento.

encaminhar sentido à construção de uma rede entre os serviços que, por sua vez, estaria a serviço de atender demandas que não são só de atendimento à comunidade.

Se não foi possível construir uma rede entre os serviços do CEIP/USP, algo construído ao longo destes anos de trabalho pode apontar certas situações que poderiam conduzir à construção dessa rede, para além do espaço cotidiano de troca entre profissionais e aluno. Uma rede, ainda que tênue, foi construída no exercício do trabalhar junto, envolvendo o grupo da Rede, os demais alunos e membros do LEFE e alguns representantes de serviços e laboratórios. Certamente a existência desse grupo, dedicado quase que exclusivamente a pensar a construção e demais ações que derivam de uma rede, foi crucial para isto pudesse ocorrer.

Além do grupo da Rede funcionar em rede, seus membros vêm de áreas de estudos diversas, contribuindo para misturar o grupo. Dentre os alunos e os psicólogos já formados, muitos fizeram outra graduação antes da Psicologia, como Engenharia, Física, Turismo e Direito, sem mencionar suas diversas áreas ou linhas teóricas de interesse em Psicologia. Outros vêm de fatos de terras mais distantes, fazendo interface com a Psicologia a partir do trabalho no grupo da Rede. São os alunos de Terapia Ocupacional, Enfermagem e Gestão Pública que trazem fios de diferentes tecidos e urdidura.

Nesse sentido, espontaneamente a interdisciplinaridade se mostrou em ação no grupo da Rede através de seus fiadores. Propor-se a construir uma rede como grupo revela a necessidade de convivência entre áreas diferentes num mesmo ambiente, coletivamente empenhados numa mesma direção. O caminho se construiu não sem discordâncias e longas discussões, porém o sentido de trabalho era sempre retomado entre os membros. Assim, um grupo heterogêneo partilhando o sentido de uma proposta permite viabilizar que buracos sejam atados por fios. O interesse genuíno e dedicado à construção de uma rede é fundamental apresentar-se entre as aranhas fiadoras, para contagiar e incentivar o apoio e a participação de membros de outros grupos, conduzindo à expansão da tessitura. Afinal, como diz a epígrafe deste trabalho, se quiser ir mais longe, é necessário caminhar junto.

Neste momento, passo a arrematar os fios que foram possíveis serem atados desde o início do percurso do grupo da Rede. Historicizar o nascimento de tal projeto possibilita arrematar a co-autoria como fundamento para uma ação interdisciplinar em saúde.

Retomo como o grupo da Rede surgiu a partir do LEFE, sendo o APP o contexto do qual emergia a demanda para a construção de uma rede de atenção em saúde. A existência de uma porta de entrada única para atendimentos psicológicos, como o APP,

teria propiciado a expressão da demanda conduzindo à concentração de esforços para dela cuidar? Ou seja, a construção de uma rede se fez necessária e não foi proposta como modelo de atendimento em saúde. Os buracos expostos por uma necessidade permitiu que se encontrassem modos de fiar para, por entre eles, circular. Assim, foi a experiência de não se bastar nem de se autorizar a não atender o que não lhe cabia que permitiu que uma rede começasse a ser tecida.

Nesse percurso, foi se perdendo como especialista que o grupo da Rede pôde encontrar-se com outros profissionais, agindo na direção da interdisciplinaridade concreta e não teórica. É nessa trilha que um profissional de Serviço Social, habitante do próprio espaço de atenção em saúde no qual o grupo da Rede tecia, passou da ideia à ação de ser con-vivente com a proposta da Rede. Constituíam-se um coletivo pelo qual pudemos conhecer como os profissionais dessa área possuem ferramentas indispensáveis quando da necessidade de encaminhamento à demanda do público. São profissionais fundamentais na área da saúde por terem as agulhas e linhas na construção dos fios para uma rede. Caso participassem da porta de entrada de atendimentos junto a psicólogos, poderiam agilizar o fluxo da demanda por discussões e esclarecimentos quanto a serviços/laboratórios mais pertinentes à necessidade do cliente. Sem dúvida, o profissional do Serviço Social é tão fiador quanto o grupo da Rede e fundamental para a construção de uma ação interdisciplinar em saúde, solidificando os laços e nós da rede em construção e permitindo o trânsito da clientela de modo mais próprio e cuidadoso.

Para além da interrogação do construir uma rede, esta pesquisa permitiu desvelar um outro modo de trabalho na prática psicológica em instituições. Uma rede de atenção à saúde, ágil na busca e troca de informações e encaminhamentos, revela-se uma modalidade atenciosa e cuidadosa junto à clientela, plantonistas e supervisores. Nesse sentido, abre a possibilidade de formação de outra ordem aos alunos que participam do grupo e aos demais participantes do LEFE, dando a ver a necessidade de uma atenção clínica compartilhada com outros e entre outros. E mais, aguçou, a todos os envolvidos, a percepção para uma escuta diferenciada, uma vez que, agora, passam a ouvir para além da demanda explícita do cliente.

Assim a atenção e cuidado clínicos podem se manifestar também por indicações, sugestões ou encaminhamentos que atendam necessidades específicas do cliente para o seguir na direção do seu cuidar de ser. Essa possibilidade apresenta a Rede como outra modalidade de prática em saúde, por contar com colaboradores que prezam e zelam pelo bom atendimento à comunidade.

Essas são algumas considerações que decorreram diretamente da pesquisa, dirigidas ao cuidado diligente à demanda da comunidade no IPUSP. Contudo, por entre os buracos, alguns fios podem servir como arremates insipientes para reflexão a propostas de construção de redes de atenção à saúde.

A ampliação desta rede, assim como a exposição de mais alunos a este modo de trabalhar pode auxiliar numa contextualização do ensino superior em Psicologia e em outras áreas de saúde. Inseridos num contexto interdisciplinar mais próximo da realidade e para fora dos muros da Universidade, precisariam dispor-se a conhecer e compreender outras instituições e modos de cuidar diversos em saúde, descobrindo-se singularmente múltiplos, como fiadores de uma rede de atenção em saúde.

Desse modo, um ação para atenção em saúde, que seja constituinte, prezando a co-existência e co-laboração entre diferentes, institui movimento na direção do coletivo, tendo como foco ensinar, pesquisar e atender a demanda da comunidade. É buscar fazer da universidade um espaço público, desde que apoiada em seus pilares fundamentais.

Por outro lado, algumas particularidades na experiência do grupo da Rede podem sugerir alguns questionamentos. A situação vivida entre seus membros, durante sua exposição na atividade dentro da própria instituição, permite refletir como um grupo, que se constituiu num modo horizontal de participação no espaço privado, abdica da espontaneidade e legitimidade de seus membros, por sucumbir às artimanhas instituídas pelo imaginário ao se apresentar no espaço público de uma organização. Interrompem-se e rompem os fios diligentemente trançados na intimidade pela co-laboração horizontal espontaneamente gerada.

Tal reflexão abre uma interrogação. Seria essa uma possibilidade para a compreensão do trabalho em rede na atenção à saúde: a interdisciplinaridade e a co-laboração imposta por diretrizes estaria dificultando a construção de redes entre profissionais e equipamentos? São perguntas para pro-vocar investigações por vir...

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, F. M. . **Ser Clínico como Educador:** uma leitura fenomenológica existencial de algumas temáticas na prática de profissionais de saúde e educação. 2005. 221 f. Tese de Doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2005.

ANDRADE, G. R.; VAITSMAN, J. . Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, 2002.

ARENDT, H. . **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 5ª. Ed, 1991.

AUN, H. A. . (2005) **Uma crônica inviável como o trágico avesso do mundo dos homens:** narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores. 2005. 143 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

AYRES, J. R. C. M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde Social**, São Paulo, v. 13, n. 3, 2004.

BENJAMIN, W. (1985). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, Obras Escolhidas, v. 1.

BRAGA, T. B. M. **Supervisão de Supervisão:** grande angular fenomenológica na cartografia de práticas clínicas em contextos institucionais e comunitários. 2009. 593 f. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BUSS, P. M. . Globalização, pobreza e saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro: v. 12, n. 6, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n. 4279 - Estabelece diretrizes para a organização da Rede de Atenção à Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010, 25f.

CABRAL, B. E. B. e MORATO, H. T. P. Considerações metodológicas a partir da formulação de uma questão para pesquisa. **Interlocuções - Revista de Psicologia da UNICAP**. Recife (PE), ano 3, n.1-2, p.155 – 176, 2003.

CAUTELLA JUNIOR, W. (2012) **Do inominável a pro-dução de sentido**: o Plantão Psicológico como utensílio para a metaforização da crise pelo trágico no Hospital Geral. 2012. 274 f. Tese de Doutorado. – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CAYGILL, H.; BENJAMIN, A (org.); OSBORNE, P. (org.). **A filosofia de Walter Benjamin**: destruição e experiência. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Ed., 1997.

CHERCHIGLIA, M. L.; GANDOLFI, S. . Tempo de mudanças: sobrevivência de um hospital público. **RAE electron**, v. 5, n. 2, 2006.

CHOHFI, L. M. S.; MORATO; H. T. P. & PITA, P. S. . (2007) Plantão Psicológico na Polícia Militar: caminhos para o poder-ser. In: VII Simpósio de Prática Psicológica em Instituições. São Paulo, PUC-SP, v.1, p.1-1, 2007.

CHOHFI, L. M. S. . **Cuidando de Fiadores**: conhecendo a Rede. 2010. 42 f. Monografia de conclusão de curso de Especialização – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CRITELLI, D. M. . **A analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC; Brasiliense, 1996.

DARTIGUES, A. . **O que é a fenomenologia?** Tradução de Maria José J. G. de Almeida. São Paulo: Centauro Editora, 2005.

EVANGELISTA, P. . Uma reflexão sobre o ser da Psicologia a partir de “Ciência e Meditação” de Martin Heidegger. In: VI Encontro de Fenomenologia e Análise do Existir, 2012. São Paulo: Anais do VI Encontro de Fenomenologia e Análise do Existir, 2012, v.1, p.1-20.

FIGUEIREDO, L. C. M. . **Matrizes do Pensamento Psicológico**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

GADAMER, H. G. . **O Caráter Oculto da Saúde**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

GUIMARÃES ROSA, J. . **Tutaméia** (Terceiras Histórias). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HEIDEGGER, M. . **Ser e Tempo**. 3^a. Edição. Tradução de Marcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____ (1958) **Ciência e meditação**. In: HEIDEGGER, Martin. *Éssais et conférences*. Paris: Galimardi.

HOUAISS, A. . **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LERMES, R. S. R. Rede de apoio social na prática psicológica em instituições: introduzindo a participação em políticas públicas de saúde. Iniciação Científica. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2012.

MALFITANO, A. P. S. . **A tessitura da rede: entre pontos e espaços**. Políticas e programas sociais de atenção à juventude – a situação de rua em Campinas SP. 2008. 352 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2008.

MELO, B. E. V. . Rede de apoio social na prática psicológica em instituições: introduzindo a participação em políticas públicas de saúde. Iniciação Científica. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2011.

MERRIAM-WEBSTER ONLINE DICTIONARY. Disponível em: <http://unabridged.merriam-webster.com>. Acesso em: Dezembro/2012.

MICHAELIS DICIONÁRIO ONLINE. Disponível em: <http://www.michaelis.uol.com.br>. Acesso em: Dezembro/2012.

MONTERO, M. (2006) Teoría y Práctica de la psicología comunitária: la tensión entre comunidad y sociedad. 1ª. Ed. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MORATO, H. T. P. . Práticas Psicológicas em Instituições: formação de multiplicadores sociais e redes de apoio em saúde mental. **Revista Interações**. São Paulo, v.4, n.7, p. 59-75, 1999.

_____ Pedido, queixa e demanda no Plantão Psicológico: querer poder ou precisar? In: VI Simpósio de Práticas Psicológicas em Instituição – Psicologia e Políticas Públicas. Vitória: UFES, 2006.

_____ Sobre Rachel Léa Rosenberg. **Revista Psicologia USP [online]**. São Paulo, v.19, n.1, p. 98-100, 2008.

MURAMOTO, M. T. . (2008) **A sustentabilidade da vida cotidiana**: um estudo das redes sociais de usuários de um serviço de saúde mental no município de Santo André. 2008. 173 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

NUNES, B.; CAMPOS, M. J. (org.) **Hermenêutica e Poesia**: o pensamento poético. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 1999.

OLIVEIRA, M. M. **Clínica, Experiência e Sentido**: narrativa de plantonistas. 2006. 155 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

OUSHIRO, L. ; CHOIFI, L. M. S.; MORATO, H. T. P. Paineis - Para onde encaminhar meu paciente? Reflexões acerca da implantação de uma Rede de Apoio Social no IPUSP. In: 18o Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP, 2010, USP. Anais do 18o

Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

OUSHIRO, L. ; MORATO, H. T. P. . Reflexões acerca da construção de uma rede de atenção em saúde via experiências de plantonistas de um serviço de atendimento em plantão psicológico no IPUSP. In: VI Congresso Interno Instituto de Psicologia, 2012, São Paulo. VI Congresso Interno Instituto de Psicologia, 2012. v. 1. p. 1-1.

OUSHIRO, L. ; MORATO, H. T. P. ; CHOEFI, L. M. S. . Reflexões acerca da implantação de uma rede de Apoio Social via experiências de plantonistas de um Serviço de Atendimento em Plantão Psicológico do IPUSP. In: 19º Simpósio Internacional de Iniciação Científica SIICUSP, 2011, Piracicaba. Anais do 19º Simpósio Internacional de Iniciação Científica SIICUSP, 2011. v. 1. p. 1-1.

PORTUGAL, S. . Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. Portugal: Oficina do CES, n.271, 2007.

RODRIGUES, A. G. **Habilidades comunicativas e a rede social de apoio de idosos institucionalizados**. 2011. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ROSTWOROWSKI, A. . **A Cartografia como Metodologia Clínica para a Implantação de uma Rede de Apoio Social**. 2010. 61 f. Monografia de conclusão de curso de Especialização – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SCHMIDT, M. L. S.; ROSENBERG, R. L. (org). **Aconselhamento Psicológico: questões introdutórias**. São Paulo: EPU, 1987.

SANTOS, J. F. ; MORATO, H. T. P. ; CHOEFI, L. M. S. ; VALENTIM, G. G. . Rede/LEFE: reflexões acerca dos laboratórios e extensão do IPUSP via experiências de alunos dos primeiros anos da graduação. In: 20º SIICUSP Simpósio Internacional de Iniciação Científica, 2012, São Paulo. 20º SIICUSP Simpósio Internacional de Iniciação Científica, 2012. v. 1. p. 1-1.

SCHMIDT, M. L. S.; MORATO, H. T. P. (coord.). **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

SUGUIURA, M. H. . **Relações entre a rede social e as migrações Brasil-Japão**. 2009. 109 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

WATANABE, J. Cartografia de demandas na atenção psicológica a usuários para construção de rede de apoio social no IPUSP. Iniciação Científica. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científica e Tecnológico, 2009.

ANEXO A – Lista de Entrevistas

Buscando evitar a identificação de algum dos entrevistados, o material das entrevistas segue somente em CD-ROM a ser entregue à banca de avaliadores. As entrevistas, anexas ao CD, seguem listadas abaixo. São vinte e uma (21) entrevistas das vinte e seis realizadas. As demais não foram gravadas e/ou transcritas à pedido do professor/técnico entrevistado. Todos os entrevistados foram informados, durante a entrevista, de que estas poderiam ser utilizadas para fins de pesquisa, conforme Anexo B.

Entrevista A – docente

Entrevista B – docente

Entrevista C – docente

Entrevista D – técnica

Entrevista E – técnica

Entrevista F – técnica

Entrevista G – docente

Entrevista H – técnica

Entrevista I – técnico

Entrevista J – docente

Entrevista L – docente

Entrevista M – docente

Entrevista N – docente

Entrevista O – docente

Entrevista P – técnica

Entrevista Q – técnica

Entrevista R – técnica

Entrevista S – técnica

Entrevista T – docente

Entrevista U – docente

Entrevista V – técnica

ANEXO B – Termo de Cooperação

O presente termo de parceria tem por objetivo a conjugação de esforços do LEFE – Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia, pertencente ao Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e coordenado pela Profa. Dra. Henriette Tognetti Penha Morato e da _____ para a colaboração entre os serviços oferecidos por ambas à comunidade. Isto se refere tanto a encaminhamentos de clientes nas duas direções quanto a domínios técnicos, científicos e pedagógicos de interesse comum, compreendendo também a possível utilização destes materiais, inclusive da entrevista, para fins de pesquisa, de modo que as relações de intercâmbio permitam uma conjugação de ações que originem benefícios para ambas as partes e um atendimento mais efetivo à demanda da comunidade. Ambas as instituições se comprometem a indicar uma pessoa de referência para contato a respeito de assuntos pertinentes a esta parceria e também a informar caso esta pessoa tenha que deixar de sê-lo. Há ainda a possibilidade de a instituição parceira se valer da Rede de Atenção em Saúde - tendo o LEFE como centro de referência, e da qual a parceira passa agora a fazer parte – para demais encaminhamentos que se façam necessários. Para tanto, a instituição parceira deve entrar em contato com a pessoa de referência da parceria no LEFE, no caso, a psicóloga Laiz M. S. Chohfi, através do e-mail laiz_chohfi@yahoo.com.br ou do telefone (11) 3091-4285 para conversar a respeito da indicação de um serviço parceiro. _____ é a pessoa indicada pela instituição parceira como referência, e esta pode ser contatada através do e-mail _____ ou do telefone _____.

Esta parceria pode sofrer alterações, desde que estas se façam pertinentes e necessárias, durante sua vigência.

ANEXO C – Proposta de Atividade para a Semana de Psicologia do IPUSP

Grupo: Rede de atenção em saúde - REDE

Tempo de duração: 2h00

Data: (preferencialmente terça) Horário: (preferencialmente à tarde)

Objetivo: Nosso grupo propõe uma atividade que proporcione a ventilação de informações relativas a laboratórios, com ênfase em seus serviços, e a discussão do papel dos mesmos no atendimento à comunidade e na formação na graduação. Tal proposta vem em função da demanda manifesta (i) entre laboratórios que precisam de apoio em seus serviços (por diversas razões, tais como limite no número de atendimentos possíveis ou de tecnologias disponíveis); (ii) de busca por informações de tais serviços por grupos externos ao IPUSP; e (iii) dos alunos desta instituição que alegam desconhecer os laboratórios e serviços.

Atividade: Composta por 5 partes: Introdução, roda discussão I, confecção de cartazes, roda de discussão II e encerramento. Durante a roda de discussão I, os participantes do projeto REDE, distribuirão bolachas e café em cada roda (*coffee unbreak*).

I. Introdução (duração: 15 minutos)

- Apresentação da história e prática da Rede, um projeto de atenção em saúde;
- Apresentação da I parte da atividade. II. Roda de discussão I (duração: 40 minutos) · Pedir para os alunos, professores e técnicos formarem pequenos grupos, misturando professores/técnicos com alunos, de modo a serem grupos heterogêneos no que diz respeito a (i) formação e (ii) departamento; · Orientá-los de que haverá 1h (uma hora) para conversarem sobre todos os laboratórios representados em cada grupo, de modo a se auto organizarem para que todos os laboratórios em questão sejam contemplados. III. Confecção de Cartazes (duração: 10 minutos)
- Apresentar para todos os grupos a tarefa de registrarem em cartazes informações que solicitaremos na ocasião e que consideramos importantes.

IV. Roda de Discussão II (duração: 40 minutos)

- Pedir a todos que formem uma grande roda;
- Apresentar as seguintes questões: “resgatando a discussão nos pequenos grupos, como laboratórios e seus serviços podem contribuir para o atendimento à comunidade?” e “Como a participação dos alunos em tais serviços, pode contribuir para sua formação na graduação?”, pedindo para que, no primeiro momento, apenas alunos se pronunciem. No segundo momento, a discussão aberta a todos.

V. Encerramento (duração: 10 minutos)

- Sem apresentar pontos específicos a serem ressaltados, recuperaremos a importância da discussão em si como espaço de reflexão e socialização de informações;
- Agradecimentos.